

# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

## Núcleo de História Oral

### FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** VR-HV-OP-004 A / B

**Entrevistado:** Anna Amélia Lopes de Oliveira

**Local da entrevista:** Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

**Data da entrevista:** 27/02/2007

**Horário da entrevista:** 13h

**Duração da entrevista:** Tempo total: 2h00min42seg – DVD / A: 58min47seg –  
DVD / B: 1h01min55seg

#### **Equipe do Vale Registrar / História Oral:**

**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa

**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Entrevistadores:** Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade  
(monitor). Intervenção: Jason Barroso Santa Rosa

#### **Gravação da entrevista:**

**Coordenação:** Bellini Andrade (EMVIDEO)

**Produção:** Mateus Brandão (EMVIDEO)

**Câmera:** Gustavo Costa Mendes (monitor)

**Equipamento utilizado:** Câmera digital MiniDV

**Transcrição:** Bernardo Alves de Brito Andrade

**Data da transcrição:** 31/03/2007

**Conferência de fidelidade:** Elodia Honse Lebourg

**Data da conferência:** 04/04/2007

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

**Elodia Lebourg** – Boa tarde.

**Anna Amélia** – Boa tarde.

**Elodia Lebourg** – Eu queria começar com a senhora dizendo seu nome completo.

**Anna Amélia** – Anna Amélia Lopes de Oliveira.

**Elodia Lebourg** – Qual a data e o local do seu nascimento?

**Anna Amélia** – Eu nasci há bastante tempo. [riso] Eu nasci no dia sete de outubro de 1936, em Nova Lima<sup>1</sup>.

**Elodia Lebourg** – Qual é o nome dos seus pais?

**Anna Amélia** – Meu pai, Armando Santos de Oliveira, estudou em Ouro Preto, formou-se em Mineralogia. Minha mãe, Helena Lopes de Oliveira, é ouropretana.

**Elodia Lebourg** – De onde era seu pai?

**Anna Amélia** – Do Rio<sup>2</sup>. Ele veio estudar em Ouro Preto e depois foi trabalhar na Mina de Morro Velho<sup>3</sup>.

**Elodia Lebourg** – Ele conheceu sua mãe aqui, enquanto estudava.

**Anna Amélia** – Conheceu minha mãe aqui, como estudante. Eles começaram a namorar, aquele namoro antigo, não é? Ficar na janela e tal, aquelas coisas bem proibidas. [riso] A gente sabe dos casos e... É interessante, a mudança foi muito rápida. Pensando bem, não tem tanto tempo assim, para as coisas terem mudado tão radicalmente!

**Elodia Lebourg** – É verdade! Seu pai e sua mãe se casaram em Ouro Preto?

**Anna Amélia** – Meu pai e minha mãe? Eu acho que eles se casaram em Belo Horizonte<sup>4</sup>. Mas, na verdade, eu não tenho certeza.

**Elodia Lebourg** – Mas então eles foram para...

**Anna Amélia** – Minha mãe foi batizada aqui, em Ouro Preto. Na época, meu avô morava em Rodrigo Silva<sup>5</sup>, mas a família da minha mãe é toda de Ouro

---

<sup>1</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Fundada em 1834, pelo capital inglês, a *Saint John Del Rey Mining Company* teve o controle acionário transferido para brasileiros em 1960, quando então altera seu nome para Mineração Morro Velho. Na década de 1970, a Mineração Morro Velho associa-se com a *Anglo American Corporation*.

<sup>4</sup> Capital de Minas Gerais.

Preto. Eles vieram de trem para o batismo, em Ouro Preto. Eu tenho muita satisfação de estar nesse espaço da Vale, do Trem da Vale, por minha família me contar que meu avô, Caetano Bressani Lopes, construiu esta Estação e a de Belo Horizonte também. Os detalhes eu não sei, não é? Mas eu sei que ele dirigiu a Rede<sup>6</sup>, por um tempo, e depois a Central<sup>7</sup>. Eu sei que foi durante 10 anos. E a família toda adorava essa parte de ferrovia. Eu lembro que meu avô, já nos seus últimos anos, estava muito triste por ver que tinham abandonado as ferrovias; que só se pensava em estrada de rodagem, sendo que a ferrovia é muito mais econômica do que a estrada de rodagem. Hoje, parece que está havendo uma atenção maior no Brasil para isso. Na verdade, a gente não vê por que o Brasil teria abandonado isso, se outros países bem menores têm ferrovias de Primeiro Mundo até. O país poderia estar sendo cortado por ferrovias. Nesta semana, eu achei muito interessante que, em São Paulo<sup>8</sup>, eles autorizaram pôr bicicleta dentro do metrô, não é? Porque diz que... Hóspedes estrangeiros me contam que na Europa você... Na Alemanha, me parece, naquele centrozinho da Europa, no fim de semana, você pode pôr a bicicleta dentro do trem, ir até o fim da linha e fazer seu piquenique: tira a bicicleta e vai. Então, essas coisas são interessantes, não é?

**Elodia Lebourg** – Isso então está acontecendo em São Paulo.

**Anna Amélia** – É. Eu vi a notícia no jornal desta semana: eles autorizaram que as pessoas, no fim de semana, carreguem a bicicleta no metrô. Na Europa, eu acho que é sempre, porque pessoas trabalham de bicicleta, não é? Elas vão ao metrô, põem a bicicleta, depois pegam a bicicleta e vão para o serviço. Não sei se é só fim de semana ou se é diariamente.

**Elodia Lebourg** – Interessante. Anna Amélia, você nasceu então em Nova Lima. Seu pai foi trabalhar lá como engenheiro. É isso?

**Anna Amélia** – É.

**Elodia Lebourg** – Na mineração. Ele trabalhava... Você sabe dizer o que ele fazia nessa mineração, como engenheiro?

**Anna Amélia** – Eu sei que ele foi lá, primeiro, como engenheiro. Depois, me contaram que ele chegou a diretor da Mina também. A vida em Nova Lima,

---

<sup>5</sup> Distrito de Ouro Preto.

<sup>6</sup> Rede Mineira de Viação.

<sup>7</sup> Estrada de Ferro Central do Brasil.

<sup>8</sup> Capital do estado de mesmo nome.

naquela época, era muito gostosa, porque as casas onde a gente morava – as casas de Morro Velho foram feitas pelos ingleses – eram casas bem confortáveis, avarandadas. Elas tinham muitos gramados, muitos jardins, uns gramados muito bem cuidados. Então eram casas... Tinha lareira... Em Ouro Preto, quando me mudei para cá, eu vi que não existiam lareiras. Lareiras, em Ouro Preto, são coisas mais recentes. Apesar do frio, lareira não era tradicional em Ouro Preto. O pessoal ia para o fogão de lenha – minha mãe falava que ia todo mundo para a cozinha, ficar ao redor do fogão de lenha. Mas Nova Lima tinha lareira. É frio também lá. E as casas... A vida era muito gostosa, porque a cidade era muito pequena. Então, você passeava muito pelos arredores, a natureza lá é muito interessante! E Belo Horizonte acabou descobrindo Nova Lima, não é? Hoje as pessoas que podem se mudam para lá, [riso] porque a vida é melhor.

**Elodia Lebourg** – Quais são os atrativos que Nova Lima...

**Anna Amélia** – Hã?

**Elodia Lebourg** – Que tipo de atrativo Nova Lima oferece hoje para quem morava anteriormente em Belo Horizonte?

**Anna Amélia** – Eu voltei lá há uns anos, mas achei muito mudado. Nova Lima mudou totalmente! Então hoje, pelo que eu percebi... Morro Velho não foi bem conservado. Algumas casas estão conservadas, mas se perdeu demais! Uma das casas onde eu morei – que virou uma creche – está muito mal cuidada. Ela tinha um espaço enorme de jardim, tinha campo de tênis atrás. Construíram prédios de três andares atrás, pegaram parte do terreno. Então, eu achei que não houve certo cuidado em preservar toda essa história de Nova Lima, como os ingleses lá. Foram muitos anos que os ingleses habitaram, comandaram a Mina, não é? Eu me lembro de coisas curiosas... Algumas lembranças, porque eu saí de lá com seis anos. E uma das lembranças que eu tenho é que a gente ia passar férias em locais próximos, tipo Lagoa dos Ingleses<sup>9</sup>, Mutuca<sup>10</sup> e Codorna<sup>11</sup>, que pertenciam aos ingleses. Agora, as estradas pelas quais a gente ia para chegar a esses lugares – eu tenho essa lembrança – eram uma pista só. Você andava de carro alguns quilômetros. Aí você parava. Tinha uma

---

<sup>9</sup> Lagoa localizada em Nova Lima.

<sup>10</sup> Ribeirão localizado em Nova Lima.

<sup>11</sup> Lagoa localizada em Nova Lima.

cabine telefônica para você ligar para saber se estava vindo carro no outro sentido. [risos] Eu acho isso uma graça! Eu nunca vi isso em lugar nenhum!

**Elodia Lebourg** – E funcionava?!

**Anna Amélia** – Funcionava sim! Você parava naquela casinha que tinha ali, que era um posto telefônico, e ligava para saber se tinha outro carro vindo, porque senão não passava. Se estivesse vindo, você ficava esperando o carro vir. Então, aquela época tinha muitas coisas interessantes.

**Elodia Lebourg** – Mas era o próprio motorista quem telefonava ou tinha um funcionário ali para isso, para fazer um registro dos carros?

**Anna Amélia** – Tinha um funcionário. A Mina de Morro Velho era cheia de funcionários. Não sei por que a gente os chamava de camaradas. A gente ia para Codornas ou para a Lagoa dos Ingleses e tinha funcionário para te levar para andar de barco, para te levar para passear a cavalo. A gente o chamava de camarada. Eu acho “camarada” uma coisa tão socialista, [risos] para ser chamado assim! [risos]

**Bernardo Andrade** – E por inglês ainda, não é? [risos]

**Anna Amélia** – É! Por inglês, que é colonialista, não é? [risos] Mas era assim, eu tenho essa lembrança de criança. Agora, sair de Nova Lima e ir para Belo Horizonte – como eu fui com seis anos – não foi fácil para mim! Eu sonhava com as casas de Nova Lima. Durante anos eu sonhava que tinha voltado para Nova Lima! E olha que a gente morava em uma casa muito gostosa em Belo Horizonte, com todos os parentes pertos. E aquela avenida que se chamava Avenida Tocantins... Hoje é Avenida Assis Chateaubriand. Minha família morava lá: minhas avós, minhas tias. Tudo ali perto. Hoje eu vejo que era gostoso, mas eu tinha aquela saudade de Nova Lima! Aquela saudade!

**Jason Santa Rosa** – Vocês moravam na Floresta?

**Anna Amélia** – Eu acho que só Ouro Preto veio compensar.

**Jason Santa Rosa** – Ali era o bairro da Floresta, não é?

**Anna Amélia** – Hein?

**Jason Santa Rosa** – Bairro da Floresta.

**Anna Amélia** – Bairro da Floresta.

**Jason Santa Rosa** – Que era ótimo!

**Anna Amélia** – Era um bairro excelente! Mas eu tinha aquela coisa... Porque Nova Lima ainda era assim mais gostoso, você estava mais em contato com a

natureza. Aí acabei... Belo Horizonte era... Hoje eu lembro como Belo Horizonte era mais gostoso, não é? E fico falando: “Gente! Eu devia ter aproveitado para apreciar muito aquilo, do que ficar ligada assim a Nova Lima, não é?” Mas, enfim, foi minha vida. E realmente eu vim me consolar dessa saída de Nova Lima quando minha mãe arranhou uma casinha, um sitiozinho em Lagoa Santa<sup>12</sup>, para onde a gente ia todo fim de semana. E quando eu me casei com o Nello, que também era artista plástico, pintor, a gente foi morar na granjinha da minha mãe, nos primeiros anos, até quando a gente resolveu vir para Ouro Preto. Quer dizer, Ouro Preto foi uma descoberta assim... Apesar da família da minha mãe ser daqui, eu só vim conhecer Ouro Preto em uma excursão da Belas Artes. Aí foi a primeira vez que eu desenhei Ouro Preto. Depois, passei alguns anos... Depois me casei, já tinha meus dois primeiros filhos quando alugamos uma casa aqui, com mais dois artistas que vocês devem conhecer: o Álvaro Apocalypse<sup>13</sup>, do Giramundo<sup>14</sup>, com sua mulher, a Tereza<sup>15</sup>, que era artista plástica também; e Haroldo Matos<sup>16</sup>, pintor, que era meu professor na Belas Artes, com sua mulher Tita<sup>17</sup>, escritora. Os três casais alugaram casa aqui, para fim de semana. Uma casa lá no Rosário<sup>18</sup>, uma casinha verde, perto daquela Antartica<sup>19</sup>, da Sinhá Peret<sup>20</sup>. Nós alugamos aquela casa que o Haroldo falou que era a melhor casa de Ouro Preto! Na verdade, não é a melhor casa de Ouro Preto. Eu não sei qual é a melhor casa de Ouro Preto, porque aqui tem casas maravilhosas, gostosas, lindas, não é? Mas foi muito bom lá, a gente montou o ateliê. Viemos os três casais passar o primeiro fim de semana. Só que o Álvaro e a mulher, e o Haroldo com a mulher, voltaram para Belo Horizonte. Eu e Nello ficamos três anos. Esse nosso primeiro fim de semana durou três anos! A gente não conseguia voltar. E assim, uma paixão pela cidade – nós dois, não foi um só, foi uma coisa simultânea –, que a gente ficou aqui completamente sem recurso de móveis, de infra-estrutura... Porque tudo era provisório, a gente tinha vindo para um fim

---

<sup>12</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>13</sup> Álvaro Brandão Apocalypse, artista plástico e um dos criadores do Teatro Giramundo.

<sup>14</sup> Teatro de bonecos e marionetes.

<sup>15</sup> Tereza Veloso, artista plástica, uma das criadoras do Teatro Giramundo.

<sup>16</sup> Artista plástico mineiro.

<sup>17</sup> A entrevistada não mencionou o nome.

<sup>18</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>19</sup> Depósito de bebidas, no bairro Rosário.

<sup>20</sup> Rua Bernardo Vasconcelos, no bairro Rosário.

de semana, não é? Com uma criança de um ano e três meses e outra no moisés ainda, de meses. Mas a gente era muito jovem e tudo era aventura. E a gente foi ficando até quando, economicamente, não deu mais. A gente teve que voltar para Belo Horizonte. Voltamos para Belo Horizonte, ficamos três anos lá... Mas engraçado: fomos morar na Rua Antônio Dias. [riso]

**Jason Santa Rosa** – Eu morei nessa rua!

**Anna Amélia** – Morou?

**Jason Santa Rosa** – Muitos anos!

**Anna Amélia** – Muito gostoso lá, não é?

**Jason Santa Rosa** – No Santo Antônio<sup>21</sup>.

**Anna Amélia** – Mas querendo voltar, querendo voltar, até quando a gente conseguiu realmente voltar. Fomos para uma chacinha no Antônio Dias<sup>22</sup>...

**Jason Santa Rosa** – Senhora Anna Amélia, eu estou curioso pelo tempo da senhora na Floresta.

**Anna Amélia** – Hã?

**Jason Santa Rosa** – Na Floresta?

**Anna Amélia** – Na Floresta você morou também?

**Jason Santa Rosa** – Não. Morei no Santo Antônio a minha vida toda. Muitos anos na Antônio Dias. Mas eu estava curioso...

**Anna Amélia** – A Floresta era interessante, eu saía...

**Jason Santa Rosa** – Com quantos anos a senhora foi para a Floresta?

**Anna Amélia** – Eu saí da Floresta quando minha família comprou um apartamento atrás da Igreja São José...

**Jason Santa Rosa** – No centro?

**Anna Amélia** – Cismaram de morar em apartamento. A gente vendeu a casa...

**Jason Santa Rosa** – Eram prédios muito bons ali, não é?

**Anna Amélia** – É. A gente então foi para lá. Eu já estava na Belas Artes. Para mim, foi prático. Já estava na Belas Artes.

**Jason Santa Rosa** – Então a senhora passou a infância e a juventude na Floresta.

**Anna Amélia** – Minha juventude foi na Floresta. Eu saía de lá a pé para comprar a **Tribuna da Imprensa**<sup>23</sup>, na Agência Rício. Passava aquele viaduto

---

<sup>21</sup> Bairro de Belo Horizonte.

<sup>22</sup> Bairro de Ouro Preto.

todo, toda tardinha, para comprar o jornal. Hoje eu não... Naquela época, eu gostava de ler a **Tribuna da Imprensa**; hoje eu gosto da **Folha de São Paulo**<sup>24</sup>. As coisas mudam. [riso]

**Elodia Lebourg** – Anna Amélia, eu queria retornar um pouco a essa questão da sua infância e adolescência. Eu queria te fazer uma pergunta que ainda não fiz. A senhora tem irmãos?

**Anna Amélia** – Tenho.

**Elodia Lebourg** – São quantos? Qual o nome deles?

**Anna Amélia** – Somos quatro. Minha irmã é freira, trabalha hoje... Ela faz um trabalho muito bonito hoje. Ela começou dando aula para a classe média, no Colégio Imaculada Conceição<sup>25</sup> – onde é freira –, de Belo Horizonte. Muitas freiras, junto com ela, decidiram deixar essa parte de educação de classe média para lidar com a periferia. Hoje ela trabalha na Pampulha<sup>26</sup>, em uma escola que a Congregação tem lá, que atende crianças da periferia. Ela trabalha muito com a... Ela ensinava... Quando ela dava aula no Colégio, ela ensinava Francês e Português; hoje ela ensina praticamente artesanato, tecelagem, tudo quanto é coisa de objeto utilitário feito em tear. Vários tipos de teares ela já colocou lá. Ensina para os jovens e para as famílias. É um trabalho muito gratificante, muito interessante, lá na Pampulha, perto da Toca da Raposa<sup>27</sup>.

**Elodia Lebourg** – E seus outros irmãos?

**Anna Amélia** – Meu irmão é filósofo e físico. E minha última irmã estudou Assistência Social e mora em Lagoa Santa. Meu irmão também foi para Lagoa Santa. Os dois saíram de Belo Horizonte e foram para Lagoa Santa.

**Elodia Lebourg** – Eu queria saber um pouco mais disso... Na sua infância, como era a rotina com seus irmãos, primeiro em Nova Lima, depois em Belo Horizonte? Você comentou da sua casa, que você se lembra muito dela. Como era isso?

**Anna Amélia** – O meu irmão ficou muitos anos fora. Na época, tinha um padre em Belo Horizonte, um jesuíta, que arrebanhava os adolescentes [riso] e levou

---

<sup>23</sup> Jornal.

<sup>24</sup> Jornal.

<sup>25</sup> Localizado no bairro Lourdes, em Belo Horizonte.

<sup>26</sup> Bairro de Belo Horizonte.

<sup>27</sup> Sede do Cruzeiro Esporte Clube.

meu irmão para o Santo Inácio<sup>28</sup>, para ser jesuíta. Meu irmão ficou no Santo Inácio desde os últimos anos do Ginásio; fez o Científico, depois foi para Friburgo<sup>29</sup> fazer Filosofia...

**Jason Santa Rosa** – Santo Inácio é onde?

**Anna Amélia** – Há?

**Jason Santa Rosa** – No Rio?

**Anna Amélia** – É. Em Friburgo eles faziam... Depois o Noviciado era em Itaici<sup>30</sup>. Mas uma turma, uma turminha ligada inclusive ao Padre Vaz<sup>31</sup> resolveu sair quando chegaram uns espanhóis mais radicais lá.

**Jason Santa Rosa** – É o Padre Vaz, não é?

**Anna Amélia** – Como?

**Jason Santa Rosa** – É o Padre Vaz, não é?

**Anna Amélia** – Padre Vaz. Eles eram ligados ao Padre Vaz, gostavam... Tem muita admiração pelo Padre Vaz. Depois, então, ele saiu e fez Física, não é? E hoje em dia mora em Lagoa Santa.

**Elodia Lebourg** – Mas e na infância, vocês...

**Anna Amélia** – Já se aposentou na universidade. Ele dava aula na UFMG<sup>32</sup>. Mexeu muito com física nuclear, fez doutorado em Grenoble<sup>33</sup>. Ele é bem assim... Interessante a gente conversar com ele sobre física ligada ao...

**Jason Santa Rosa** – Qual é o nome dele?

**Anna Amélia** – Armando Lopes de Oliveira.

**Jason Santa Rosa** – E a infância da senhora com ele?

**Anna Amélia** – Como?

**Jason Santa Rosa** – A infância da senhora com ele, com sua irmã?

**Anna Amélia** – Ele foi meu companheiro de infância. Ocorreu um caso muito curioso, em Nova Lima. Quando a gente chegou à idade escolar, minha mãe nos colocou no Liceu, uma escola pública em Nova Lima. Mas nós só pudemos ficar lá um dia! Tem até foto minha de merendeirinha, toda feliz da vida, de uniforme e tal! O pessoal de Nova Lima disse que filho de engenheiro não

---

<sup>28</sup> Localizado no Rio de Janeiro.

<sup>29</sup> Município do Rio de Janeiro.

<sup>30</sup> Distrito de Indaíatuba, São Paulo.

<sup>31</sup> Jesuíta, filósofo, foi professor do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>32</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>33</sup> Cidade localizada na França.

podia estudar lá, porque era escola para operário e nós estávamos tomando lugar de operário. Então pediram que a gente continuasse<sup>34</sup>. Minha irmã sofreu demais! Chorou demais minha irmã mais velha! Então, mamãe levou minha irmã mais velha, mandou para Belo Horizonte, para estudar. Foi para o Colégio Santa Maria<sup>35</sup>. Eu e meu irmão ficamos com um professor particular, em Nova Lima, porque não podíamos ir para o Liceu.

**Elodia Lebourg** – Mas isso foi até quando?

**Anna Amélia** – O primeiro ano eu fiz, particular, em Nova Lima. Aí houve a separação de minha mãe do meu pai. Nós fomos para Belo Horizonte e mamãe me pôs no Sion<sup>36</sup>. Acontece que eu entrei no Sion no primeiro ano... Eu fiquei um pouco atrasada. Na minha turma lá no Sion, eu acho que, quando as crianças tinham seis anos, eu já tinha sete, uma coisa assim. Eu não pude fazer normalmente o primeiro ano em Nova Lima. Isso foi muito triste para a gente. Na época, eu não percebi direito e não fiquei chateada com Nova Lima, não. [riso] Continuei amando muito Nova Lima.

**Elodia Lebourg** – Sobre essa questão da sua formação escolar, você foi para Belo Horizonte e foi estudar no Sion, começou lá. Depois disso, você foi para outras escolas ou permaneceu?

**Anna Amélia** – Eu fiquei no Sion até terminar o Magistério. Eu fiz Primário, Ginásio, Magistério. Funcionou primeiro onde hoje funciona a Secretaria de Cultura<sup>37</sup>, naquele Edifício Dantês<sup>38</sup>, na Praça da Liberdade. Uma delícia ali! Depois passou para onde hoje é o Santa Dorotéia<sup>39</sup>, não é? O Colégio Sion deu nome ao bairro.

**Jason Santa Rosa** – Dona Anna Amélia, como foi essa formação tradicional das mulheres, em Belo Horizonte? Porque a senhora pegou a formação clássica feminina de Belo Horizonte...

**Anna Amélia** – Quando eu comecei a... Eu sempre gostei de desenhar e minha mãe dava valor para isso, porque ela pintava. Ela pintava o que na época se pintava, que era... Eles faziam cópias em óleo de cartões postais. Era assim que se ensinava a pintura para as moças, em Belo Horizonte, antes da

---

<sup>34</sup> A entrevistada se enganou; provavelmente, quis dizer “saísse”.

<sup>35</sup> Localizado no bairro Floresta, em Belo Horizonte.

<sup>36</sup> Colégio Sion.

<sup>37</sup> Localizada no Palacete Dantas, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

<sup>38</sup> A entrevistada se confundiu; trata-se do Palacete Dantas.

<sup>39</sup> Colégio Santa Dorotéia.

Escola do Aníbal<sup>40</sup>, da Escola Guignard<sup>41</sup>. Mamãe fez, no Colégio Santa Maria, esse curso que se chamava *ménage*: eram trabalhos manuais e artesanato, artes. Então, eles faziam decoração de mesinhas de chá, faziam objetos em estanho, coisas muito bonitas! E pintavam telas a óleo. Quando, desde criança, eu comecei a ficar desenhando muito, mamãe ficou muito curiosa por aquilo, não é? Então, logo que a Escola de Arquitetura criou o curso de Belas Artes, minha mãe foi lá e fez minha inscrição para o vestibular. Chegou e falou comigo: “Oh, fiz sua inscrição”. Eu falei... Antes, ela me pôs em um curso particular de pintura, com um francês chamado Jean Merci<sup>42</sup>. Eu comecei a fazer pintura com esse Jean Merci, antes da Belas Artes. Ele foi embora para a França e eu fiquei sem nada, mas continuava fazendo sozinha. Mas eu achava que fazer concurso, fazer vestibular para Belas Artes... Eu não ia passar. Mas, já que mamãe tinha matriculado, resolvi tentar. Felizmente, eu passei e a gente começou a freqüentar. Funcionava na Escola de Arquitetura e isso foi um problema muito sério. Porque os alunos da Escola de Arquitetura do primeiro ano, os calouros, entraram com uma visão de que a Arquitetura estava sendo muito menosprezada e que, se pusesse artista lá dentro, eles iam ser confundidos com artistas. E eles achavam isso horrível! [riso] Outro dia, eu conversei com um arquiteto e ele riu tanto de lembrar essa época!

**Jason Santa Rosa** – Eu me formei lá!

**Anna Amélia** – Ele falou que estava nos últimos anos quando soube do caso. Para ele, não tinha o menor sentido. Eram os meninos dos primeiros anos, os novinhos.

**Jason Santa Rosa** – Inseguros, não é?

**Anna Amélia** – É. Eles começaram a falar que Arquitetura era ciência, não era arte; que, se tivesse Belas Artes lá, eles iam ser confundidos com artistas; que eles já não podiam construir prédios de muitos andares, engenheiro é que podia. Então, a rivalidade era com engenheiro, o grilo<sup>43</sup> era com engenheiro. Eu fiquei muito frustrada, porque eu tinha tanta atração por Arquitetura! As duas coisas que me fascinavam eram Belas Artes e Arquitetura. Eu acho as

---

<sup>40</sup> Aníbal Pinto Mattos, artista plástico, escritor, teatrólogo, historiador e produtor de arte. Fundou a Sociedade Mineira de Belas Artes em 1918. Foi diretor da Escola de Belas Artes de Minas Gerais, fundada em 1928.

<sup>41</sup> Escola de Artes Plásticas implantada pelo artista plástico Alberto da Veiga Guignard.

<sup>42</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>43</sup> Grilo, neste caso, significa problema.

coisas super ligadas. Parece que foi o Aníbal Mattos que criou a Escola de Belas Artes e criou a de Arquitetura também. Eu fui aluna, na Belas Artes, do filho dele, o Haroldo Matos.

**Jason Santa Rosa** – Que veio com vocês?

**Anna Amélia** – É. Alugou a casa aqui com a gente. Então, para mim não dava para entender aquela briga! Mas eles impediam a gente de ter aula, eles impediam realmente. Eles...

**Elodia Lebourg** – Impediam como?

**Anna Amélia** – Quando a gente chegava, eles soltavam bombinha cabeça de nego em cima da gente; eles agrediam, faziam barricada em frente às salas, para a gente ficar presa nas salas; punham ácido sulfúrico lá dentro, certo? Eles, no andar de cima, arrastavam aquelas pranchetas enormes para impedir a aula.

**Jason Santa Rosa** – Isso foi em que ano, Dona Anna Amélia?

**Anna Amélia** – Ah! Pois é! Que ano deve ter sido isso? Deve ter sido...

**Jason Santa Rosa** – Sessenta?

**Anna Amélia** – Eu não lembro bem o ano... Não sei se foi em 1964...

**Jason Santa Rosa** – Já era a escola moderna, ali na...?

**Anna Amélia** – Deve ter sido na década de 1960.

**Jason Santa Rosa** – Isso já é no Funcionários<sup>44</sup>, na escola moderna?

**Anna Amélia** – Como?

**Elodia Lebourg** – Na escola moderna, nova, ali no Funcionários?

**Anna Amélia** – Já era Arquitetura no prédio dela, recente. Aí o que acontece? Quem era o diretor da Arquitetura era o Sylvio Vasconcellos<sup>45</sup>...

**Jason Santa Rosa** – Então é sessenta, 1960.

**Anna Amélia** – O Sylvio foi tão pressionado... Ah, não! Aí entrou o... O Sylvio criou a Escola, o curso. Depois entrou o Ari Fontenelli<sup>46</sup>, um Fontenelli, eu não lembro o primeiro nome dele. Esse pediu a extinção do curso.

**Jason Santa Rosa** – De Belas Artes?

**Anna Amélia** – É. Já tinha conseguido entrar mais uma turma, só tinha dois anos. Eles pretendiam extinguir o curso. Então passou a gente para umas

---

<sup>44</sup> Bairro de Belo Horizonte.

<sup>45</sup> Sylvio de Vasconcellos, arquiteto, urbanista, pesquisador, escritor e professor.

<sup>46</sup> Ator em Belo Horizonte. Atuou em teatro, cinema e televisão.

salas no centro, na Rua Tupis, no último andar de um prédio. Aí a gente começou a batalhar para voltar, para extinguir a extinção. [riso] O mais curioso é que a gente conseguiu contratar um advogado e pagar um advogado, rifando um radinho de pilha. Isso eu acho... Hoje eu lembro, eu morro de rir, falo: “Gente, parece que foi ontem!” Olha hoje o negócio de computador, com tanta sofisticação, não é? A TV, a nossa hoje já está obsoleta aí, não é? Já vai mudar e tudo... E a gente rifando radinho de pilha! Mas conseguimos a continuidade do curso porque o reitor, Aloísio Pimenta<sup>47</sup>, aceitou levar o curso de Belas Artes para a Reitoria. A gente começou a funcionar na Reitoria. Aí pedimos os galpões lá embaixo, porque a Reitoria era muito pouco prática para a gente mexer com tinta, com argila, com gesso. Então, nos passaram para os almoxarifados lá embaixo. E hoje eu fiquei sabendo que, apesar de eles terem construído o prédio de Belas Artes – que não existia quando eu me formei –, a gravura voltou, está funcionando nos galpões. E o pessoal de gravura super satisfeito, se acha muito bem localizado, muito melhor do que no prédio!

**Jason Santa Rosa** – Vocês foram a primeira turma?

**Anna Amélia** – A primeira turma.

**Jason Santa Rosa** – Quem eram os artistas?

**Anna Amélia** – Que eu me lembro, agora, 30 entraram, mas vão ficando muitos pelo caminho, não é? Em arte eu acho que mais do que em qualquer setor. Então, eu lembro que permaneceram: Tereza Apocalypse, Mari’Stella Tristão, que caminhou para a crítica de arte, Mariza Trancoso<sup>48</sup>, Clóvis Laurec, que caminhou para decoração, Ivone Botelho, que acabou indo para a Escola Guignard, e eu. [riso] Os outros eu não sei se continuaram a mexer com arte ou não. Sumiram, sabe?

**Elodia Lebourg** – Essa iniciativa para garantir a continuidade, a existência do curso de Belas Artes foi da senhora e dos outros alunos, não é isso?

**Anna Amélia** – É. Principalmente, Mari’Stella Tristão e eu lideramos o movimento, e mais outra colega chamada Ieda<sup>49</sup>. Alguém sempre tem que encabeçar, porque senão a coisa dilui, não é? Então a Mari’Stella realmente...

---

<sup>47</sup> Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais entre 1964 e 1967.

<sup>48</sup> Artista plástica mineira.

<sup>49</sup> A entrevistada não mencionou o nome completo.

Ela tinha sido professora no Instituto de Educação<sup>50</sup>, era bem mais velha do que eu e tinha muita vivência dessas coisas, de questionar, de solicitar, sabe? Então, realmente ela foi uma força muito grande.

**Elodia Lebourg** – Quando vocês conseguem essa continuidade do curso, vocês se transferem. Como passa a ser esse espaço físico inicial? É um espaço um pouco improvisado, mas dá certo?

**Anna Amélia** – Como?

**Elodia Lebourg** – Você comentou que vocês são transferidos para galpões, inicialmente. Acaba sendo um espaço um pouco improvisado. Mas deu certo? Como foi isso?

**Anna Amélia** – Deu certo porque a gente tinha mais liberdade para trabalhar, não era aquele ambiente asséptico, todo de vidro, não é? Realmente, qualquer descuido... Porque a gente tem uma disciplina de trabalho, a gente não vai sair lambuzando tudo, deixando tinta espalhada, caindo pelo chão e tal. Mas é até certo ponto também, porque a gente não pode ficar super preocupada: o espaço tem que ser um espaço mais adequado, que permita uma limpeza fácil de fazer e que qualquer coisinha não vai danificar. Em um ambiente tipo os galpões, tinta de impressão... Eu caminhei logo para a gravura, não é? Ácido, a gente mexia... A gente tinha que ter o espaço, inclusive externo, para o ácido, não é? Na época, a gente mexia com ácido nítrico, que é tremendamente danoso. Ele emite muitos gases tóxicos.

**Jason Santa Rosa** – Dona Anna Amélia, isso era nos porões do prédio da Reitoria, lá no *campus*?

**Anna Amélia** – Eram uns galpões da construção, do almoxarifado onde eles...

**Jason Santa Rosa** – Ah, sei! Logo na entrada do *campus*?

**Anna Amélia** – Quando eles começaram a construir a Reitoria, no *campus* da Universidade, eram os galpões...

**Jason Santa Rosa** – Sobraram os galpões...

**Anna Amélia** – Da época. Onde eles punham os materiais de construção. Já estavam vazios, porque já tinha feito a...

**Jason Santa Rosa** – Quando se formou a turma de vocês?

**Anna Amélia** – Como?

---

<sup>50</sup> Instituto de Educação de Minas Gerais.

**Jason Santa Rosa** – A formatura dessa turma foi em que ano?

**Anna Amélia** – Que ano foi? Olha, para data, eu sou meio difícil.

**Jason Santa Rosa** – Mas foi década de 1960?

**Anna Amélia** – Foi, porque em 1964 eu já estava com a minha primeira filha. Então foi antes, certo? Deve ter sido em 1962, por aí.

**Jason Santa Rosa** – É a primeira turma de Belas Artes da UFMG.

**Anna Amélia** – Primeira turma de Belas Artes da UFMG.

**Jason Santa Rosa** – Onde foi a formatura?

**Anna Amélia** – Ah! Eu já tinha me casado. Eu acho que a gente começou, depois, a fazer muita festa, a se reunir muito em Lagoa Santa. [riso] Mas eu não me lembro muito bem dessa formatura, porque acho que... Com esse negócio do casamento, eu ainda fiquei devendo uma matéria. Eu tinha que sair de Lagoa Santa e ir lá fazer, sabe? E eu fiquei meio desligada dessa história da formatura.

**Jason Santa Rosa** – E os professores?

**Anna Amélia** – A gente montou... Os professores... O Álvaro Apocalypse foi o mais importante na minha vida. Foi meu professor de desenho. Interessante que a minha geração é pós Guignard, não é? Nós fomos alunos de alunos de Guignard, mas ninguém foi aluno de Guignard, nem o Nello Nuno, com quem eu me casei. O Nello foi aluno da FUMA<sup>51</sup> só seis semestres... Só um semestre. Foi aluno também do Álvaro Apocalypse, mas depois ficou autodidata. Quem foi mais meu professor foi Herculano Campos<sup>52</sup>. Tinha o Jefferson Lodi<sup>53</sup>, muito importante também na parte da cor, da aquarela. Tinha um de perspectiva, José Neves<sup>54</sup>, um arquiteto. Nós tínhamos alguns professores arquitetos, sabe? História da Arte... História da Arte eu não estou lembrando. Tinha o mestre [inaudível], que dava a parte de escultura. Um Péret, [inaudível] Péret. Como é? Luciano<sup>55</sup>, que dava modelagem...

**Jason Santa Rosa** – Foi meu professor.

---

<sup>51</sup> Fundação Mineira de Artes.

<sup>52</sup> Artista plástico capixaba.

<sup>53</sup> Jefferson José Lodi, pintor, desenhista, aquarelista e professor da Escola de Belas Artes da UFMG.

<sup>54</sup> Artista plástico, um dos criadores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>55</sup> Luciano Amedée Péret, arquiteto, foi professor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e presidente do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG). Dada a falta de convicção da entrevistada quanto ao primeiro nome do professor, ela pode estar se referindo ao escultor e pintor José Amedée Péret.

**Anna Amélia** – Foi seu professor. [riso] Era essa turma. Mais ou menos isso. Engraçado que o curso de Belas Artes foi formatado e não tinha gravura. Isso foi curioso, porque eu sou gravadora, não é? O Haroldo Matos tinha estado na França, um tempo, e lá comprou umas ferramentinhas de fazer linóleo-gravuras: são umas goivinhas, buris, tudo como pena, que você punha em um cabinho de madeira, tipo canetas antigas. Não sei se vocês conhecem. No cabo de madeira, você coloca uma pena de metal; só que, ao invés de ser a pena para escrever, era corte. Tinha buril, goiva, formão, tudo, que você encaixava naquele cabinho. E você cortava uma placa de linóleo. Linóleo hoje não existe mais. Com ele se forravam os consultórios de dentista, principalmente os consultórios de dentista. Era um tipo de um... Hoje, por exemplo, seria um vulcapiso, [alcaplan]<sup>56</sup>. Só que era tipo um tapete; não eram plaquinhas, eram metros. E tinha decorado, tinha liso... Parecia um emborrachado. Era um negócio mais gostoso de você cavar do que o vulcapiso, o [alcaplan]<sup>57</sup>, hoje. Ele era mais macio. Isso, na Europa, foi muito usado na época do Expressionismo alemão. Os artistas descobriram a xilogravura, uma técnica que foi usada na época medieval, antes da descoberta da litogravura, antes da imprensa. Os primeiros livros foram editados em xilo, não é? Você recortava as letrinhas todas e tudo tinha que ser invertido, porque na hora em que imprime é o contrário, não é? Imagine a trabalhadeira daquele pessoal naqueles primeiros livros, cheios de iluminuras, texto e tal! E tinha sido abandonada... A xilogravura, na Idade Média, foi muito importante, porque os primeiros livros... Já começou aquela história de o livro não ser só manuscrito. Ele era impresso em xilo. Então, começou a melhorar. Ao invés de ficar um livro único, você já podia imprimir 10, 20 livros, não sei quantos, na época, porque a impressão de xilo também é uma impressão meio demorada. E depois que eles inventaram a gravura em metal, todo mundo ficou muito deslumbrado com o metal, porque dá para você fazer uma linha fininha, dá para você fazer como se fosse bico-de-pena, não é? Então, ninguém mais queria fazer xilo; os ateliês de xilo na Europa começaram todos a quebrar. Ateliê de xilo chegou a ser uma coisa tão impressionante, que tinha a pessoa que fazia o desenho, a pessoa que passava para a madeira, o que abria a

---

<sup>56</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

<sup>57</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

madeira com os formões e buris, e o que imprimia. Eram equipes enormes! Eram ateliês enormes de xilogravura! Agora, começou a entrar em decadência, muita gente sofreu com isso. E depois que inventaram o tipo móvel, depois que Gutenberg<sup>58</sup> inventou o tipo móvel, aí dançou mesmo, não é? Depois veio a lito, depois a fotografia e pronto. Cadê? Gravura, oh!<sup>59</sup> Não tinha mais aquele fim de multiplicação de texto, multiplicação de imagem com fim de difusão de uma idéia, de uma religião, de uma idéia religiosa, de uma coroação de um rei, de uma batalha vencida, de uma coisa assim. Não tinha mais esse fim. Você tinha processos muito mais rápidos de impressão do que ficar cavando uma chapa... Ou... Como se diz? Pegando uma chapa de metal, usando buril ou ácido, qualquer coisa assim. E foram justamente os expressionistas alemães que retomaram a gravura e deram a ela um *status* de sair do livro e ir para a parede. A gravura saiu do livro e virou um objeto de contemplação. Você emoldurava, punha na parede e era um objeto de arte. E hoje a gravura... Cada cópia numerada é considerada original. Cada cópia numerada é um original. Não é um processo mecânico, não é um *off set*. Há jeito de reconhecer uma reprodução de *off set* de uma gravura original. A gente tem meios.

**Jason Santa Rosa** – Esse grupo da senhora foi um grupo pioneiro da gravura em Minas, em Belo Horizonte, não foi? O grupo da senhora, de Artes Plásticas, foi um pioneiro da gravura, não foi?

**Anna Amélia** – É. O que eu estava contando é que o Haroldo chegou com essas ferramentinhas – eu me perdi no caminho – e começou a fazer gravura no pregozinho de prova, de gráfica, que ele levou para lá. Ele começou a fazer e eu e minha colega começamos: “Oh, Meu Deus! Que é isso e tal, não sei o quê. Deixa fazer e tal”. Então ele ensinou para a gente. Nós começamos a fazer. Cadê que a gente ia para aula de decoração! Só ficava fazendo gravura, gravura, gravura, gravura... Aquela obsessão, aquela obsessão... Quando a direção da escola viu, falou assim: “Uai<sup>60</sup>! Vamos chamar alguém que faça gravura mesmo, que seja especialista, para dar aula para vocês”. Chamaram a Yara Tupinambá<sup>61</sup>, que me ensinou a parte de xilogravura. Começou com

---

<sup>58</sup> Inventor da prensa.

<sup>59</sup> A entrevistada bate as mãos uma na outra, querendo demonstrar que a técnica de gravura estava acabando.

<sup>60</sup> Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

<sup>61</sup> Artista plástica mineira.

gravura em metal... Mas aí eu me casei, me formei, fui embora. Gravura em metal mesmo eu aprendi em Festival de Inverno<sup>62</sup>, em Ouro Preto.

**Elodia Lebourg** – Anna Amélia, quando você conheceu seu marido? Você comentou que estudou e, logo em seguida, se casou. Foi na faculdade? Foi como?

**Anna Amélia** – Olha, naquele tempo – é uma coisa que meus filhos invejam – a gente tinha uma atuação estudantil muito política. Eu e a Tereza entramos para a União Estadual dos Estudantes. Lá nós encontramos o Nello Nuno, que era da FUMA, na época. Nós fomos parar na Secretaria de Arte da União Estadual dos Estudantes. Conhecemos também a Selma Alvim, [riso] que coordenava esse setor, e começamos a trabalhar na Secretaria de Arte da UEE. A gente tinha um envolvimento muito legal, inclusive político. A gente montou um ateliê no São Lucas<sup>63</sup> e começamos a imprimir serigrafia. A gente soltava serigrafia daqueles prédios de Belo Horizonte, questionando tudo, tudo: “Posse de Jango<sup>64</sup>, não posse de Jango”, “Isso, aquilo...” A gente imprimia no ateliê e saía para a rua jogando aqueles negócios dos prédios de Belo Horizonte. Com isso, fiquei conhecendo o Nello lá. Teve uma semana de arte, em Ouro Preto, e a UEE veio organizar essa semana de arte. Não existia Festival de Inverno ainda. Por isso a Selma Alvim fala que a gente foi pioneira. Nós viemos trazer uma semana de arte para Ouro Preto, uma exposição de artistas mineiros no Grande Hotel<sup>65</sup>, e ficamos hospedados no Hotel Tofollo<sup>66</sup>. Foi muito divertido. Foi quando eu comecei a namorar o Nello.

**Jason Santa Rosa** – A senhora não lembra a data, mais ou menos?

**Anna Amélia** – A data desse aniversário... Era na gestão do... O prefeito aqui era o Genival Ramalho. Teve um baile da cidade, lá no CAEM<sup>67</sup>, quando eu comecei a namorar o Nello. Eu lembro direitinho. Essa semana de arte foi muito interessante porque nos fez... Foi antes de nos mudarmos para Ouro Preto, não é? Quer dizer, foi pela segunda vez que eu vim a Ouro Preto; pela primeira, foi na excursão da Belas Artes. E aí foi quando a gente se mudou para Ouro Preto. Foi uma época muito interessante! Não tinha ainda o Festival,

---

<sup>62</sup> Festival de artes e cultura que ocorre anualmente em Ouro Preto.

<sup>63</sup> Bairro de Belo Horizonte.

<sup>64</sup> Presidente João Goulart. Governou o país entre 1961 e 1964.

<sup>65</sup> Grande Hotel de Ouro Preto, localizado no centro de Ouro Preto.

<sup>66</sup> Hotel situado à Rua São José, no centro de Ouro Preto.

<sup>67</sup> Centro Acadêmico da Escola de Minas, localizado na Praça Tiradentes.

foi um pouco antes de começar. O pessoal *hippie* ainda não tinha chegado e a cidade era uma cidade muito interessante. Mas tinha uma coisa: muitas casas caindo. Eu vi três casas caírem. Então, tudo tem seu pró e seu contra, não é? Ali estava mais preservado no ponto em que os morros não estavam ocupados. Não tinha a Vila Aparecida<sup>68</sup>, a Vila São José<sup>69</sup> era quase nada. Tinha um areão lá trás, onde a gente ia escorregar com as crianças, uma delícia!

**Elodia Lebourg** – Onde era?

**Anna Amélia** – Atrás da Vila São José. Era um morro de areia branca, branquinha, branquinha: você subia e vinha escorregando na areia, sabe? Muito gostoso!

**Bernardo Andrade** – Eu também brinquei muito lá quando era pequeno.

**Elodia Lebourg** – Hã?

**Bernardo Andrade** – Eu também brinquei muito lá quando era pequeno.

**Anna Amélia** – Era uma delícia! [riso] Não tinha essa ocupação dos morros do São Sebastião<sup>70</sup>, do Morro Santana<sup>71</sup>... Esses morros, para cá, também estão todos ocupados, não é? Então, nessa parte... Ah! Santa Efigênia<sup>72</sup>, a Ladeira de Santa Efigênia era um “S”. Hoje engordou, virou, está ficando assim, porque tem outra rua aqui, outra rua lá. Nas minhas primeiras gravuras aparece aquele “S”. Havia essa vantagem, mas ao mesmo tempo a gente ficava muito triste de ver tanta coisa caindo! Hoje, nessa parte, está muito melhor. Você vê um cuidado com as casas... As casas estão conservadas, estão pintadinhas de novo. O Jair Inácio<sup>73</sup> ficava muito injuriado quando via pintarem uma igreja, caiarem uma igreja. Falava: “Ah! Tanto tempo para chegar nessa parte e vêm aí e pintam tudo de branco!” [riso] Na verdade, eu concordo com ele, mas acho que tem que limpar. Depois cria de novo, porque de repente começa a ficar degradado. Então, eu acho que as casas têm que estar pintadinhas. Quando Ouro Preto foi erguida era tudo pintadinho, não é? [riso] Não tem um viajante que fala que pareciam fantasmas as casinhas todas brancas naquele fundo escuro das montanhas? Pois é. Era assim, não era?

---

<sup>68</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>69</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>70</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>71</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>72</sup> Bairro de Ouro Preto, onde está a Igreja da Paróquia de Santa Efigênia.

<sup>73</sup> Jair Afonso Inácio, restaurador e primeiro coordenador do Curso de Restauração da Fundação de Arte de Ouro Preto.

**Jason Santa Rosa** – Voltando àquela história, a senhora veio em um fim de semana e esse fim de semana se transforma em três anos. Como foi?

**Anna Amélia** – Três anos. A gente, na época, conseguiu ficar esses três anos porque, parece, foi o tempo daquele Milagre Brasileiro<sup>74</sup>. Então se vendia quadro. O Nello fez um contrato com um livreiro de Belo Horizonte, Samuel Koogan: metade da sua produção ficava com o Samuel. De tudo o que ele pintava em um mês a metade ia para o Samuel Koogan. Em troca disso, o Samuel dava um dinheiro por mês, o que tornou possível a gente se sustentar por uns anos aqui. Depois, eu acho que o Samuel ficou com muito quadro. O Samuel era assim: ele pegava os artistas quando estavam começando; o pessoal ficava famoso depois e ele tinha uma coleção enorme, porque comprou barato, comprou quando ninguém conhecia a pessoa. Ele tinha quadros de Guignard, Pancetti<sup>75</sup>, tudo quanto é gente assim. E ele apostou no Nello. Ele tinha assim uma visão... Eles falavam que ele tinha uma visão de águia. Ele apostou no Nello. Então, quando a coisa ficou difícil, a gente teve que retornar para Belo Horizonte. Eu fui dar aula de Geometria e de Arte para o curso de formação, no Colégio Imaculada. O Nello teve um tempo em que teve que ser secretário na Belas Artes. Não deu conta e acabou largando. Até que a gente resolveu voltar para cá de qualquer jeito e tentar sobreviver, não é? Apesar de a família ficar horrorizada! [riso] Os pais. O pai do Nello era médico. O Nello me conta um caso que eu não sei se é romance dele, se é... Não tem nem jeito de confirmar mais, porque ele faleceu. Mas ele disse que, quando resolveu que ia ser pintor, o pai dele queria... “Não. Então você faz Arquitetura, porque...” Lógico! Como eu digo, Arquitetura é parente, é prima-irmã, não é? “Você faz Arquitetura porque, pelo menos, vai fazer uns projetos, vai ter um meio de vida... Do que ficar como pintor. Imagina? Como vai sobreviver?” Era o que o pai dele pensava. Era um médico. Então, o Nello disse que no dia da prova... Ele estava passando no vestibular. No dia da prova de desenho, ele quebrou o dedo: meteu uma martelada no dedo para não fazer a prova. Eu achei muito louco! Até hoje eu fico sem acreditar, mas ele falava que era verdade. Falava que era verdade. Pode ser. Não sei. [riso]

---

<sup>74</sup> Processo ocorrido na virada da década de 1970, quando o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro alcançou um considerável crescimento.

<sup>75</sup> José Pancetti, artista plástico paulista.

**Elodia Lebourg** – Anna Amélia, vocês juntos tiveram quantos filhos?

**Anna Amélia** – Eu tive cinco filhos com o Nello. As caçulas são gêmeas.

**Elodia Lebourg** – Qual o nome dos cinco?

**Anna Amélia** – Dos filhos?

**Elodia Lebourg** – Sim?

**Anna Amélia** – Ah, uma dificuldade que eu tinha para escolher nomes! Sempre se quer escolher um nome incrível, não é? E isso não existe. [riso] A primeira se chama Alessandra, depois vem o Nello, Gabriela – essa é artista plástica também –, Juliana – essa é bioquímica –, Tatiana, que é a gêmea da Juliana. Depois eu fiquei viúva. Uns anos depois, eu me casei de novo e tive o Bruno e o Bernardo.

**Elodia Lebourg** – Qual é o nome do seu segundo marido?

**Anna Amélia** – Bruno<sup>76</sup>.

**Elodia Lebourg** – Ele trabalhava nessa área de Artes Plásticas?

**Anna Amélia** – Ele era amigo do Nello. Era da turma que se reunia no Tofollo, na época. Tinha uma turminha que freqüentava o Tofollo. O Nello ia sempre jogar xadrez com o pai do Clodomiro<sup>77</sup> do Colégio Baeta<sup>78</sup>. Esqueci o nome dele. Um senhor tão interessante! Tinha uma turma que se reunia ali: o Éolo Maia<sup>79</sup>, o Dimas Guedes<sup>80</sup>, Wladimir<sup>81</sup>. Uma turma que se reunia no Tofollo toda tarde: ler jornal, jogar xadrez, tomar uma cerveja. O Bruno era dessa turma. Mas o segundo casamento acabou não dando certo e a gente acabou se separando. O tipo de personalidade... Eu fiquei casada com o Nello por 13 anos. Ele faleceu. O segundo marido era bem diferente. Cada um com seu jeito, só que eu não ajeitei.

**Jason Santa Rosa** – Quando o Nello faleceu?

**Anna Amélia** – Ele faleceu em 1975. Uma das únicas datas que eu guardei, não é? Em 1975 ele faleceu, de repente e... Mas eu ainda não falei como surgiu a Escola de Arte aqui, que a gente criou. Ah! Muito importante é dizer que essa cidade que eu tanto amo, que eu escolhi para viver, me deu o título

---

<sup>76</sup> Bruno Vasconcelos Bastos.

<sup>77</sup> A entrevistada não mencionou o nome completo.

<sup>78</sup> Escola Estadual Alfredo Baeta.

<sup>79</sup> Arquiteto mineiro.

<sup>80</sup> Fotógrafo.

<sup>81</sup> A entrevistada não mencionou o nome completo.

de cidadã honorária. Eu sou cidadã honorária de Ouro Preto! Eu tive essa alegria, não é? É bom isso ficar dito.

**Elodia Lebourg** – Quando foi isso, Anna Amélia?

**Anna Amélia** – Hã?

**Elodia Lebourg** – Quando a senhora recebeu esse título?

**Anna Amélia** – Quando Vera Pinheiro<sup>82</sup> dirigia a FAOP. Eu não tenho a data agora, não guardo muito bem data. Deve ter quantos anos... Uns 10 anos atrás. Eu acho que o tempo está passando tão rápido, sabe? Às vezes, para mim, parece que a coisa foi ontem e já foi há muitos anos. Mas quando a gente chegou aqui, era o Nello pintor e eu, principalmente, gravadora, desenhista. Na época, a gente chamava atenção porque o Nello se vestia de uma maneira diferente, era muito pouco formal: andava de sandália, usava barba, cabelo comprido, vestia umas roupas tipo safári, e isso não era comum. Hoje seria uma coisa banal. Naquela época não era, porque as pessoas usavam terno, gravata, eram muito formais. O único terno que o Nello teve foi o do casamento, que ele nunca mais usou. Então, a gente chamava atenção. Também eu era jovem, eu me vestia de uma maneira talvez quase *hippie*, não sei, uma maneira mais solta. Depois, com tanto trabalho, com tanta coisa, você vai ficando assim, vai deixando essas coisas. No fim, eu fiquei viúva e só tinha que pensar em criar aquele tanto de filhos, porque eu fiquei com eles! [riso] Mas, quando a gente chegou, muitas pessoas perguntavam às vezes: “Ah, me ensina a fazer gravura?” “Ô, Nello! Me ensina a pintar”. “Ô, Nello! Não sei o quê”. Aí levava coisa: “Faz esse olhinho de boneca para mim”. Achava engraçadas as coisas que chegavam para a gente fazer. “Conserta este santo”. Eu falei: “Gente, tem que ter um...” O Jair morava aqui. O Jair Inácio era o especialista em restauração, grande pessoa que foi o Jair Inácio, não é? Um autodidata, uma figura inteligentíssima, um pioneiro na restauração! Tinha o Orlandino Fernandes<sup>83</sup> no Museu da Inconfidência<sup>84</sup>, especialista em História da Arte. Eu falei: “Gente! Vamos montar uma escolinha de arte e restauração!” “Mas como? Como fazer isso?” Aí eu falei com o Nello, nós começamos a conversar sobre... O Nello achou superinteressante mexer com isso e tal...

---

<sup>82</sup> Arte-educadora.

<sup>83</sup> Museólogo.

<sup>84</sup> Localizado no centro de Ouro Preto.

Tanta gente nos procurava! Fui ao Secretário de Educação, em Belo Horizonte, conversar com ele. Ele falou: “Ah! Cria uma fundação que a gente ajuda”. [riso] Voltei para cá e falei: “Nello, imagina! Criar uma fundação! Nem sei por onde começar para criar uma fundação! Então vamos fazer um curso particular”. Ele falou: “É. Vamos fazer um curso particular”. Eu fiz um cartaz em xilo – pena que esse cartaz sumiu, sumiu até a matriz – e coloquei na rua, convocando para o curso de desenho e pintura, inicialmente. Como a gente ia bancar a restauração, assim de cara? Então o Secretário de Educação de Ouro Preto, na época, me falou que fornecia quatro mesas para eu poder começar. E eu soube que iam criar a Fundação de Arte de Ouro Preto. Uma das pessoas que estava fazendo o estatuto, que estava envolvida na criação da Fundação de Arte de Ouro Preto, era um grande amigo nosso – o Murilo Rubião, escritor, grande escritor Murilo Rubião! Os outros eram Affonso Ávila<sup>85</sup>, Vinícius de Moraes<sup>86</sup>, Domitila do Amaral<sup>87</sup>. Então, nós fomos procurar o Murilo. Falei: “Murilo, eu soube que a Fundação de Arte ganhou uma... Quer dizer, o Estado deu a casa do asilo dos velhos para a Fundação de Arte, lá no Rosário e tal. Enquanto não restaura, você não quer me emprestar uma sala para a gente começar esse curso?” Ele falou assim: “Ah, pode! Pode ir ficando enquanto não é restaurado”. Então nós tínhamos o espaço, as mesas, 20 banquinhos. E montamos lá. Era 40 cruzeiros a inscrição. [riso] Só uma pessoa pagou: o Sussuca<sup>88</sup>. [risos] Só o Sussuca pagou. O curso começou a funcionar. Funcionou só por sete meses com esse pagamento dessa inscrição. Eu levava material de casa, meu e do Nello, não é? Depois começou o Festival de Inverno. Dei aula no Festival, sobrou muito material. Eu pedi ao Festival se podia doar para o curso; o Festival doou o material que sobrou do curso infantil. E aí foi uma festa, porque a produção foi enorme! A gente tinha desde criança até adulto, todo mundo junto, porque era uma escolinha. Foi muito interessante! Os meninos que começaram lá comigo... Jorge dos Anjos<sup>89</sup> tinha 13 anos, o Sussuca era também rapazinho, Zé Efigênio<sup>90</sup>, Gélcio Fortes<sup>91</sup>. Zé

---

<sup>85</sup> Poeta e ensaísta mineiro.

<sup>86</sup> Poeta, cantor e compositor.

<sup>87</sup> Atriz.

<sup>88</sup> Artista plástico ouropretano.

<sup>89</sup> Artista plástico ouropretano.

<sup>90</sup> José Efigênio Pinto Coelho, artista plástico, restaurador e pesquisador.

<sup>91</sup> Artista plástico, então coordenador do Museu Casa de Guignard, em Ouro Preto.

Efigênio era menino! Um dia falei com Gélcio Fortes: “Gente! O que é isso? Todo mundo com o lápis sem ponta! Como é que artista desenha com lápis sem ponta? Traz uma gilete!” Todo mundo começou a rir, ninguém tinha barba, ninguém usava gilete, ninguém tinha gilete! [risos] Na época era gilete, gilete mesma, gilete antiga. Aí, quando a gente começou a funcionar com esse material de Festival de Inverno, a produção cresceu muito. E o Augusto Rodrigues<sup>92</sup>, que tinha a Escolinha de Arte do Brasil<sup>93</sup>, veio visitar Ouro Preto e ficou sabendo que tinha uma escolinha de arte aqui. Depois ele me contou que ficou apavoradíssimo! Falou: “Nossa! Imagina! Uma escolinha de arte em Ouro Preto deve ser a coisa mais acadêmica do mundo!” [riso] Aí veio para ver se dava um jeito nessa escolinha de arte. Quando lá chegou, não era nada disso: a escolinha era uma escolinha livre, super legal, os meninos estavam com uma produção maravilhosa. Ele pegou e levou até para expor no Rio. Foi muito gratificante! Então, eu e Nello conversamos. Eu falei: “Gente! Não é possível! A gente não consegue mais levar essa escolinha. Ela pegou pé assim, de graça, não é? Quer dizer, eu quero que a escola seja de graça, que o aluno não pague. Agora, a gente tem que receber alguma coisa, [riso] porque a gente está trabalhando, trabalhando, trabalhando. E pôxa vida, não é? A gente tem que receber alguma coisa, não pode viver de brisa”. Aí...

**Jason Santa Rosa** – Onde ela funcionava?

**Anna Amélia** – Hã?

**Elodia Lebourg** – Onde ela estava funcionando, nessa época?

**Anna Amélia** – Nesse prédio da Fundação de Arte de Ouro Preto, antes de restaurar.

**Elodia Lebourg** – Mas em qual prédio?

**Jason Santa Rosa** – No casarão do alto das Cabeças<sup>94</sup>.

**Anna Amélia** – Aqui onde tem a sede da FAOP.

**Bernardo Andrade** – Aqui no Rosário.

**Jason Santa Rosa** – Ah! No Rosário.

**Anna Amélia** – Aqui na Getúlio Vargas<sup>95</sup>, a sede da FAOP.

**Jason Santa Rosa** – Entendi. Isso é 1970 e...?

---

<sup>92</sup> Poeta e artista plástico pernambucano.

<sup>93</sup> Criada em 1948, no Rio de Janeiro.

<sup>94</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>95</sup> Rua Getúlio Vargas, no centro de Ouro Preto.

**Anna Amélia** – Foi na década de... Em 1968, a gente estava aqui. Deve ter sido na década de 1970. [riso] Tinha uma mesa muito engraçada que o pessoal do asilo dos velhos deixou lá. Uma mesa grande assim<sup>96</sup>, de pezinho torneado. A gente chegava para dar aula e ela estava na outra sala. Eu falei: “Gente! Essa casa tem um fantasma!” A gente punha na sala de cá, na outra semana estava na outra sala. [riso] Gente! Eu nunca entendi essa mesa que mudava de lugar, sabe? Agora, as mesas, as quatro primeiras mesas estão lá até hoje, no ateliê de gravura. São ótimas, são super usadas, são das melhores mesas que têm. Ainda tem os 20 banquinhos e mais alguns. Essas quatro mesas e esses 20 banquinhos, gente, são heróis! Viram o Jorge crescer, o Zé Efigênio crescer, a Mila<sup>97</sup> do... Tanta gente! A menina da Escola Técnica<sup>98</sup>, diretora da Escola Técnica, como se chama? Glória, Maria da Glória<sup>99</sup>, foi aluna lá também. Tantos ex-alunos por aí... Depois, quando a gente viu que não tinha jeito de continuar levando aquele curso assim... O Murilo já tinha ficado encantado com a história da produção dos alunos. A gente fez uma exposição na galeria do Hotel Pilão<sup>100</sup>. Tinha uma galeria de arte lá. A minha conterrânea Sara Ávila<sup>101</sup>, que é de Nova Lima, veio ver, adorou! Tem até uma foto dela nessa exposição. Sara Ávila é novalimense também e...

**Jason Santa Rosa** – O Murilo Rubião era diretor do **Suplemento**, nessa época?

**Anna Amélia** – Murilo era diretor do **Suplemento Literário** do **Minas Gerais**<sup>102</sup>.

**Elodia Lebourg** – Anna Amélia...

**Jason Santa Rosa** – Acho que acabou aqui...

**Elodia Lebourg** – Só um segundo. A gente vai precisar trocar a fita.

**Jason Santa Rosa** – Vamos beber água, não é?

[DVD B]

---

<sup>96</sup> Indica com as mãos um tamanho considerado grande.

<sup>97</sup> A entrevistada não mencionou o nome completo.

<sup>98</sup> Escola Técnica Federal de Ouro Preto, atual CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica).

<sup>99</sup> Maria da Glória Santos Laia.

<sup>100</sup> Hotel que se localizava na Praça Tiradentes, no centro de Ouro Preto.

<sup>101</sup> Artista plástica.

<sup>102</sup> Suplemento Literário de Minas Gerais, criado em 1966 como encarte artístico do jornal oficial do Estado, **Minas Gerais**.

**Elodia Lebourg** – Eu queria retomar a nossa entrevista fazendo uma pergunta sobre esse começo da Escola de Artes. Originalmente, ela não é ligada a FAOP.

**Anna Amélia** – Era um curso particular que a gente depois... Conversando com o Murilo, que já estava funcionando a escolinha – chamava-se na época escolinha, a gente falava só escolinha –, ele resolveu que a FAOP assumiria como curso. Acontece que esse curso da FAOP foi se desenvolvendo... Como tinha o curso... Separamos o curso das crianças do curso de adultos. Chamou-se o Jair Inácio para iniciar um curso de restauração. Nós tínhamos que chamar mais uma pessoa, que foi a Madu<sup>103</sup>, para trabalhar com as crianças, certo? Então estava muito assim... Isso já foi nos primeiros anos. Não foi logo no primeiro ano que a FAOP assumiu que a Madu veio, mas quando começou a ter muita procura e quando eu comecei a ficar muito sobrecarregada. Porque eu comecei a dar desenho e gravura para as crianças, para os adolescentes e ainda coordenava toda a escola, praticamente dirigia a escola, a escolinha. Então, quando o Murilo percebeu... Naquela época, a FAOP tinha um conselho: decisão importante ou que envolvesse mais dinheiro tinha que passar pela aprovação do conselho. E o conselho aprovou o curso. Havia um estatuto, a FAOP tinha um estatuto. Na época, não existia em Ouro Preto a Secretaria de Turismo e Cultura, não é? Estava começando a acontecer o Festival de Inverno, da UFMG. Então, a FAOP tinha como função promover arte – sejam artes plásticas, seja música, seja literatura, qualquer tipo de arte, dentro de Ouro Preto; incentivar o turismo e a preservação. Basicamente, o estatuto era direcionado a promoções assim, de qualquer curso, concurso, eventos que dessem força à compreensão, ao estudo de arte e cultura, literatura, música, tudo. A FAOP trazia concertos, trazia espetáculos de teatro, de dança, dos mais avançados, dos melhores que aconteciam. E à medida que a escolinha que Nello e eu idealizamos... Idealizamos uma escola que fosse livre, que fugisse aos moldes tradicionais de uma escola de Belas Artes, para não ter aquelas amarras de pré-requisitos e essa coisa toda. A gente imaginou uma escola livre, onde o aluno não precisasse de pré-requisito para ingressar nela, que fosse gratuita para dar oportunidade às pessoas de menos recursos

---

<sup>103</sup> Artista plástica e uma das criadoras do Teatro Giramundo.

freqüentarem. Porque a gente percebia que, muitas vezes, pessoas de menos recursos tinham um potencial artístico muito forte e não tinham oportunidade de ter acesso ao aprendizado. Para nós, o aprendizado de arte é uma coisa muito interessante nesse ponto. A gente não... Nello e eu imaginávamos que a gente estaria ali, simplesmente, para fornecer técnicas que facilitassem a pessoa a se expressar. A gente não ia ensinar fazer arte, a gente ia ser o facilitador. Então, você domina uma técnica de pintura ou de desenho ou de gravura, você vai fornecer aquela técnica para facilitar que o aluno dê forma a uma idéia. Para a gente, arte não era nada mais do que dar forma a uma idéia. Não é mais do que isso, mas isso é o mais complicado! Primeiro, ter idéia; segundo, dar forma a ela. Uma vez, um aluno perguntou para o Nello assim: “Nello, eu estou sem idéia. Me dá uma idéia”. O Nello respondeu: “Olha, se eu tivesse uma idéia, eu ia usá-la. Eu não ia dar para você”. Então, na verdade, é isso. O que a gente pode fazer com o aluno é abrir um leque de oportunidades para ele ter idéias. [riso] É fazê-lo conhecer melhor esse mundo, ter uma visão ampla das coisas e não ter uma visão restrita. Porque quanto mais ampla for sua visão de mundo, mais sua imaginação pode crescer. Você treina a parte de manuseio, parte de instrumental, de técnica. Então facilita para ele para que ele dê forma às idéias que devem aflorar, não é verdade? Essa foi a idéia. A escola começou a dar muita mão de obra para a FAOP! Ela passou a absorver todo o tempo da FAOP! Ela passou a absorver todo o dinheiro da FAOP! Por quê? Porque ela começou a ficar viva. Ela era viva, uma coisa viva, as pessoas queriam aprender, não é? Depois de ter chamado o Jair, aqui sendo um local com tanta peça para restaurar, com tantas oportunidades para você ter as peças para o aluno treinar, aprender... É uma coisa assim, que chama muito, não é? Agora, parte de restauração começou também já com mais exigência. A gente separou um pouco a turma de restauração: ela deveria ter, pelo menos, o curso secundário, porque é um curso mais técnico. Então, nessa parte, a gente especificamente começou a dar uma separação entre o pessoal de arte e o pessoal de restauração. Só que desejando o entrosamento dos dois, que o...

**Jason Santa Rosa** – Como o conselho... O Murilo presidiu o conselho? Como foi isso?

**Anna Amélia** – É. Ele foi o primeiro presidente da FAOP. Ele também participou da elaboração do estatuto e foi presidente da FAOP, durante 10

anos. O presidente da FAOP, em geral, muda conforme muda o governo. É lógico que toda vez que se muda o governador, o presidente da FAOP ponha o cargo à disposição. O Murilo punha. Só que o próximo governador queria que ele continuasse, não é? Até quando ele achou que não dava mais para ele continuar nessa ida e vinda. Depois foi Secretário de Cultura do Estado, essa coisa toda. Mas ele foi um grande presidente nosso. Foi ele que, de repente, percebeu que a FAOP estava absorvendo, não é? Mas ele falou: “Uai! Mas...” Nós comentamos com ele: “Ô, Murilo! Começou o Festival de Inverno. O Festival de Inverno é um mês super produtivo. Nossa! O pessoal, realmente, em um mês, faz o trabalho de um ano ou mais, tem um desenvolvimento de um ano, como se estivesse cursando um ano. Mas depois fica aí completamente solto. E aí a gente teria um curso contínuo”. “Ah! Mas o estatuto diz que cursos seriam temporários”. Pelo estatuto, os cursos seriam temporários. Então, passou a uma situação muito delicada, porque a gente existia, mas não existia de fato. Como é... A gente existia de fato, [riso] e não existia por lei. É isso? Não sei. Só sei que só existia de fato, não no papel. No papel, a escola não existia. Então, acabou que o conselho foi conversando, o conselho acabou verificando que, se já existia uma Secretaria de Cultura na cidade para assumir os eventos; se já existia o Festival de Inverno, que era uma das propostas da FAOP promover um festival de arte todo ano; então a cidade precisava mesmo era dos cursos permanentes de uma escola de arte e restauração. Então, o estatuto passou por uma reformulação, para incluir a escola dentro do estatuto. Hoje, ela existe dentro dos estatutos da FAOP. Eu acho que isso foi muito importante para a gente não ficar como marginais, não é?

**Elodia Lebourg** – A senhora assume um cargo na escola de artes a partir desse momento, não é isso?

**Anna Amélia** – Eu dirigi essa escola durante quase 30 anos. [riso]

**Jason Santa Rosa** – Trinta?

**Anna Amélia** – Até quando realmente foi... Depois me aposentei e saí, mas Vera Pinheiro me chamou de novo. Eu dirigi mais um tempo, saí. Depois, Érzio Mansur<sup>104</sup> me chamou de novo. E depois, quando estava na presidência do diretor do IEPHA<sup>105</sup> – como ele se chama? –, Octávio Elísio<sup>106</sup>, eu falei:

---

<sup>104</sup> Foi presidente da FAOP.

<sup>105</sup> Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

“Octávio Elísio, agora eu preciso, realmente, parar, deixar com outra pessoa. Porque eu tenho que ter um tempo para mim, não é?” Para mim, o ateliê maior...

**Jason Santa Rosa** – Isso é recente, Dona Anna Amélia, não é? Isso foi recente, agora.

**Anna Amélia** – É. Eu larguei na época do Octávio Elísio, que foi... Ele esteve, antes de pegar o IEPHA agora, ele... Foi na gestão do...

**Jason Santa Rosa** – Em 2004 ou 2005...

**Anna Amélia** – É. Eu larguei.

**Jason Santa Rosa** – Agora, só uma pergunta antes disso. Ao criar uma escola livre, com o Nello Nuno, a senhora acha que isso era um desdobramento ou uma continuidade daquela segunda geração do Guignard, da escola livre do Guignard, de Belo Horizonte? Ou não tinha nada a ver?

**Anna Amélia** – Nello não foi aluno de Guignard e eu também não. Mas toda aquela idéia de Guignard é muito fascinante. Então, na verdade, pode ter influído muito toda a mentalidade do Guignard, a maneira de ele ver a arte, de ele ver o ensino... Pode ter interferido. Porque a minha maneira de desenhar... Eu aprendi, eu sou muito ligada à maneira como Guignard realmente usava a linha. E como isso veio para mim? Justamente por alunos dele que me passaram: o Álvaro Apocalypse, o Herculano Campos, não é? Então, acho que é ligada uma coisa à outra. O curso nosso foi feito... Pelo que me diziam na época, lá na Arquitetura, para ver se levava a Escola Guignard para lá, não é? E não sei por que, aí eu já não entendo por que não teria dado certo. Mas a intenção da criação... O Sylvio fez aquela escola para ver se levava a Escola Guignard para lá – quem sabe até fundindo com a do Aníbal, que depois acabou sendo extinta. Não sei. Enfim, o que deu nessa história toda foi que, mesmo sendo uma escola livre, a Escola de Arte da FAOP tem forte ligação sim, com a maneira de ver do pessoal da Guignard. Sem dúvida! Eu não posso negar. E mesmo a Belas Artes, não é? O Haroldo Matos, da Escola do Aníbal... Mas uma convivência enorme com o pessoal da Guignard, não é? Então eu acho que sempre tem uma ligação com essa turma toda. Eu acho que Minas<sup>107</sup> tem uma ligação muito grande com Guignard. O próprio Nello, que trabalhava

---

<sup>106</sup> Octávio Elísio Alves de Brito.

<sup>107</sup> Minas Gerais.

um estilo bem pessoal, fez dois quadros em homenagem a Guignard – já pintando com uma maneira mais parecida com Guignard, com menos massa, mais aquarelada a pintura a óleo, já em um debruçamento em cima da maneira de fazer do Guignard, certo? Eu acho que ele tem essa importância grande dentro da arte mineira. Eu vi Guignard uma vez na minha vida, aqui no Bar do Tofollo. Quando a gente fez a excursão da Belas Artes, ele estava lá, sentadinho. A gente passou lá, conversou com ele e ele ainda assinou uns desenhos da minha turma. O meu ele não assinou, porque eu não mostrei para ele. [risos] Ele assinou o da Mari’Stella Tristão.

**Jason Santa Rosa** – E a gravura, a trajetória da gravura, da arte da gravura?

**Anna Amélia** – A gravura, eu não sei por que me deu essa doidura<sup>108</sup>, não. Mas eu fiquei assim em uma... Talvez seja uma ligação grande que tem a gravura com o próprio desenho, não é? A gravura em metal... Quando consegui uma prensa, eu abandonei praticamente a xilo. Fiquei só fazendo em metal, justamente por poder fazer linha, linha fininha, tipo bico-de-pena. O que me apaixonava muito na gravura em metal era poder fazer a linha, era poder ter aquela delicadeza do desenho. Hoje, já está difícil, para mim, fazer gravura em metal. Nesses últimos anos, meu filho estava me ajudando na impressão. A impressão de gravura... Quem não conhece a maneira de fazer, pode achar: “Ah! É gravura. Tem cópia. Deve ser fácil tirar cópia”. Tirar cópia é uma mão de obra, [riso] que eu vou te contar! Então, meu filho estava me ajudando, me ajuda quando eu preciso.

**Elodia Lebourg** – Qual filho?

**Anna Amélia** – Hã?

**Elodia Lebourg** – Qual dos filhos?

**Anna Amélia** – O Bruno. Esse que faz História, que estuda História... E que é também roqueiro, não é? É vocalista de uma banda, *rock* pesado, pauleira.

**Elodia Lebourg** – Que banda é essa?

**Anna Amélia** – Ah! Chama-se Cachorros Mortos. [riso] E ele me ajuda na impressão. Mesmo assim, é meio pesado. Então, agora eu voltei a pintar, eu estou pintando. Isso foi um desafio de um *marchand* paulista que comprou umas gravuras minhas há um mês, e falou comigo assim: “Ah, será que você

---

<sup>108</sup> Doideira.

consegue dar esse clima da gravura em uma pintura a óleo?” Porque o que acontece... Isso é uma coisa que, desde que fiz Belas Artes, desde que eu estou nesse meio, eu percebi que as pessoas normalmente têm uma atração muito grande pela pintura a óleo, certo? Eu lembro que Chanina<sup>109</sup> falava comigo que gravura era a arte menor. [riso] Eu ficava muito injuriada, brigava com ele até! Não existe arte menor, arte maior. Não existe isso! Isso é coisa muito antiga! [riso] Mas, enfim, ele sabia me provocar. [riso] Não existe isso. Mas o *marchand* falou isso comigo e eu pensei comigo: “Gente! Sempre é bom ter um desafio, não é?” Eu pintava quando eu ficava grávida. Ficava achando que não ia mexer com ácido, essas coisas. Eu pegava o cavalete, ia lá para fora e pintava. Agora, Ouro Preto eu nunca tinha pintado, só figuras e outras coisas. Fiz muito anjinho barroco também, na fase grande.

**Jason Santa Rosa** – Por que nunca pintou Ouro Preto?

**Anna Amélia** – Por que eu nunca pintei Ouro Preto? Porque eu fiquei naquela obsessão de fazer gravura em metal de Ouro Preto. Aliás, é muito estranha essa questão de Ouro Preto! Eu acho que para você desenhar Ouro Preto, para você fazer Ouro Preto, você tem que ter uma vivência muito grande. Então, os primeiros anos em que eu vivi em Ouro Preto, quando morei na casa da Sinhá Peret, eu desenhava anjinho barroco, muito anjinho barroco. Eu lembro que o Augusto Rodrigues gostava imensamente, achava que eles eram muito sensuais. Mas o Barroco é sensual, não é? E não fazia Ouro Preto, nem desenhava Ouro Preto! Fiquei três anos morando aqui. Comecei a desenhar Ouro Preto depois de três anos morando aqui. Depois eu comecei a gravar e fui gravando. Foi uma fase grande de gravação de Ouro Preto. Agora eu estou achando bom, eu estou gostando. Não sei se, de repente, a gente passa uma fase, satura... Então você tem que mudar para outra coisa. Eu estou achando muito divertido pintar Ouro Preto.

**Jason Santa Rosa** – O que é preciso para poder pintar Ouro Preto?

**Anna Amélia** – É muito diferente. Porque, olha... O primeiro quadro... Minha neta chama todo mundo: “Ah, vovó diz que esse quadro é horrível! Vê se isso é horrível! Não é nada horrível!” [riso] Foi o primeiro que eu fiz nesta fase agora. O segundo, eu já acho que o segundo foi um passo muito grande. Agora estou

---

<sup>109</sup> Artista plástico polonês.

no terceiro. Do segundo eu gosto e do terceiro estou gostando também. Do primeiro eu não gostei. Você tem que ir pegando o jeito, não é? O material é outro, agora é cor, mesmo! Pintura, para mim, eu vejo como o Nello: pintura é cor. Então, agora é mergulhar na cor. E, ao mesmo tempo, ter aquele clima que eu tinha na gravura, certo mistério, uma coisa meio assim... Sei lá! Diz o Márcio Sampaio<sup>110</sup> que é um mistério qualquer que eu coloco dentro dessas gravuras. Não sei. Tem um comentário dele que eu acho que realmente... Às vezes, você não sabe o que está fazendo; chega uma pessoa, debruça sobre seu trabalho e te explica. Isso é muito curioso, [riso] sabe? Muitas vezes, em arte, eu acho muito estranho... Você pensa fazer alguma coisa, você pega o material, vai fazer e sai outra completamente diferente! Em certas horas, parece que... Não sei se foge do seu comando, o que é. Algumas vezes, fiz meu trabalho com uma intenção. Márcio Sampaio – que é meu cunhado, que está sempre muito ligado à gente – chegava, olhava. Eu falava: “Ô, Márcio! Eu vou fazer uma exposição. Faz uma apresentação para mim”. Aí ele se debruçava em cima do meu trabalho e fazia uma apresentação. Eu lia a apresentação e falava assim: “Nossa Senhora! Márcio me explicou!” Quer dizer, me explicou para mim mesma. [riso] Não sei se os outros artistas têm essa sensação também. Comigo isso ocorre, eu fico toda feliz! O Ângelo é outro que, nas várias vezes que ele apresentou meu trabalho, me explicou o que eu estava fazendo, praticamente.

**Jason Santa Rosa** – Ângelo Oswald<sup>111</sup>?

**Anna Amélia** – É. Ele é ótimo para isso! Ele fez cada apresentação também para a Gabriela<sup>112</sup>! Eles têm uma sensibilidade para perceber as coisas, o Márcio, o Ângelo! Você lê o que eles escreveram e você fica fascinado.

**Jason Santa Rosa** – Dona Anna Amélia, Ouro Preto mudou como tema da gravura para a pintura? A cidade como musa, vamos dizer assim?

**Anna Amélia** – Olha, as coisas sempre mudam, não é verdade? Eu acho que, na vida, as coisas nunca permanecem as mesmas. Mas se mantém muita coisa. Eu acho que o essencial está mantido, desde o primeiro desenho. Eu me lembro do primeiro desenho que fiz de Ouro Preto, antes de me mudar para

---

<sup>110</sup> Artista plástico, crítico de arte, curador e escultor.

<sup>111</sup> Jornalista e prefeito de Ouro Preto.

<sup>112</sup> Gabriela Rangel, artista plástica e filha de Anna Amélia.

Ouro Preto... Agora eu lembrei. Eu falei que nunca tinha... Eu fiz três desenhos de Ouro Preto em papel ofício, quando vim para essa semana de arte com a Selma Alvim, quando comecei a namorar o Nello. Lá do Grande Hotel, daquela sacada do Grande Hotel, eu fiz três desenhos com lápis duro, mas em papel ofício – um papel porcaria para desenho, não é? Era o que eu tinha à mão. Eu fiz os três desenhinhos simplérrimos de Ouro Preto. Para um salão da Prefeitura eu mandei, recebi um prêmio de desenho. [riso] Gente! Eu estava na abertura do salão e tinha um artista lá que eu admirava demais, que estava fazendo uma vanguarda na época: chamava-se Gavino Mudado Filho. Não sei mais dele, Gavino. Ele fazia um desenho lindo com optical. Eu ficava fascinada com o trabalho dele! Aí ele virou assim: “Nossa! Olha o desenho que foi ganhar! Olha o primeiro lugar!” [riso] Eu falei: “Gavino, é meu!” [riso] Ele parou assim e virou: “Ah! Essas linhazinhas do telhado assim, com certeza, você fez de baixo para cima, não é?” Eu falei assim: “É...” “De cima para baixo, não é?” Eu falei: “É”. “É. Porque o próprio peso da mão já ajuda”. Depois eu fiquei pensando: “Será que eu fiz assim mesmo?” [riso] Mas aí ele ia falar mal do desenho, não é? Essa coisinha à toa, não é? Hoje eu me lembro do desenho, era até um negócio bem simples, mas era esse negócio de Guignard, era linha pura. Eu acho que eles premiaram foi linha pura. [risos]

**Jason Santa Rosa** – E Ouro Preto mantém?

**Anna Amélia** – Aí eu fiquei sem desenhar Ouro Preto, fiquei em recesso uns três anos, porque... Muito mais, porque isso foi antes de me casar. Muito mais, muito mais! Eu adoro desenhar Ouro Preto, ao ar livre, vendo a cidade à minha frente. É diferente de você pegar de uma foto, de qualquer coisa assim. Hoje tem muito recurso, *slide*, foto e tal. Mas ver a cidade à sua frente, estar diante dela e desenhar olhando assim, ao vivo, isso é que é o sabor da coisa, sabe?

**Elodia Lebourg** – Você comentou que está pintando – até é uma experiência que alguém te sugeriu. Como está sendo esse processo? Você também vai a campo, você está pintando no seu ateliê?

**Anna Amélia** – Não. No momento eu tenho... Eu guardei todos os croquis das gravuras, das últimas gravuras, e eles foram todos passados para papel vegetal, porque, quando você passa para a chapa, você tem que inverter. Eu já não gosto, em arte... Se eu planejo uma coisa à direita ela ir para a esquerda no resultado final... Se eu planejei na direita, era na direita; se eu planejei na

esquerda, era na esquerda. Agora, em paisagem fica impossível! Você não reconhece, de jeito nenhum, a paisagem se você inverter. Então, eu passei tudo para papel vegetal, o desenho de linha. Como sou apaixonada por linha, eu guardei à toa esses desenhos de linha; guardei por guardar. Agora estou pegando, partindo desses desenhos que fiz ao vivo, [riso] quer dizer, em campo, e eu estou fazendo as telas. Agora já é mais cansativo desenhar na rua. Eu ficava uma hora, duas horas ali, diante da paisagem, ao sol, sabe? Cabrito querendo comer seu papel, naquela época, era muito engraçado!

**Jason Santa Rosa** – Como é?

**Anna Amélia** – [risos] Eu fui desenhar São Bartolomeu<sup>113</sup>. Eu fiz a gravura, até quero ver se depois faço o óleo também. Sentei-me lá e levantei-me coalhada de carrapato, coalhada, daquele miudinho! Tive que ir para uma casinha daquele pessoal, do povo de São Bartolomeu, pedir para pôr minha roupa na fumaça, ficar enrolada em uma toalha, porque... Nossa! Eu fiquei toda mordida, tudo! Sentei-me em um ninho de carrapato. São Bartolomeu é outro lugar que mudou. Construíram uma casa amarela que acabou com a igreja, vocês viram?

**Elodia Lebourg** – Não.

**Bernardo Andrade** – Mas continua bonito lá, não é?

**Anna Amélia** – Construíram uma casa amarela ao lado da igreja. Uma casa amarela imensa que acabou com a volumetria da igreja.

**Jason Santa Rosa** – Concorrendo com a igreja, não é?

**Anna Amélia** – Eu fiquei tão triste!

**Jason Santa Rosa** – O que a senhora acha da preservação desses núcleos de Ouro Preto?

**Anna Amélia** – Olha, eu acho muito, muito difícil! Eu acho o problema de Ouro Preto muito complicado! Eu não sei como isso pode ser realmente resolvido. Eu acho que muita coisa aqui melhorou: a cidade está mais bem conservada, o centro histórico está. Mas teve muita falta de compreensão, não é? Por exemplo, eu vejo pessoas fazendo tantas coisas legais! Nas Cabeças, pessoas fizeram uma garagem igualzinha à porta e à janela da casa: abre-se a garagem e a fachada da casa sai todinha assim, com a porta, com a janela; depois fecha e vira a fachada da casa. Então, tem jeito de você fazer sem desvirtuar. Você

---

<sup>113</sup> Distrito de Ouro Preto.

pode ter o conforto moderno, fazer uma garagem na sua casa sem pôr uma baita de uma porta de metal, de aço ali, entendeu? Você pode fazer uma coisa assim. Era fachada... Como ela ia fazer uma garagem, não é? Ela não tinha um espaço ao lado para abrir uma garagem. Então ela abriu na frente da casa, mas só que tem a janelinha e a porta, iguaizinhas! A hora em que vai entrar o carro, aquilo abre tudo junto, a janela com a porta; sai tudo junto, entra o carro, fecha e fica a casinha. Tem jeito de você, usando a imaginação, camuflar uma série de situações e ter o conforto moderno. Agora, eu acho que se você quer morar em Ouro Preto, você tem que pagar um ônus por isso. Morar em Ouro Preto é um privilégio e ninguém tem privilégio sem pagar um pouquinho caro. Eu acho que, nesta vida, você sempre tem que dar algo em troca. Então, você tem que perder um pouco de conforto, um pouco de coisa para poder... Lógico que você vai fazer o seu banheiro, sua cozinha, com confortos modernos e tal. Mas tudo que você puder manter, mesmo dentro de casa, eu acho que é interessante. Por fora, nem se diga! Igual às pessoas que acham que só a frente é fachada: isso é um engano! Uma das coisas que eu acho mais tristes em Ouro Preto é o fundo da Rua São José<sup>114</sup>. Tudo ali era pitoresco, de madeira, tudo torto. Agora você põe concreto, põe tudo a prumo e acha que a fachada é só a frente, não é?

**Jason Santa Rosa** – Dona Anna Amélia, a senhora, que tem a paisagem como modelo, como elemento a ser trabalhado...

**Anna Amélia** – Fala alto.

**Jason Santa Rosa** – A paisagem muda. O que a senhora acha disto: a paisagem não se cristaliza, está sempre mudando?

**Anna Amélia** – É. Agora, a paisagem muda. Sim, muda, não é? Como você quer dizer? Se você desvirtua a paisagem construindo uma coisa ruim, fica essa casa amarela ao lado da Igreja de São Bartolomeu, por exemplo. É um exemplo ruim. A pessoa que fez essa casa amarela poderia ter feito uma casa mais recuada, com uma volumetria menor. O Brasil tem tanta terra! Por que tem que ter dois andares ali? Não podia ser uma casinha de um pavimento só, muito mais confortável, mas que se estendesse mais pelo terreno? Dois bloquinhos... Sei lá... Chamasse um arquiteto. Todo mundo acha que é

---

<sup>114</sup> Localizada no centro de Ouro Preto.

arquiteto, que é engenheiro, que é tudo! Quantas pessoas constroem sem chamar um técnico para ver, porque elas mesmas fazem. Acontece que, na questão de espaço, a visão do arquiteto é muito mais adequada. Você pode até falar com o arquiteto: “Eu quero isso ou aquilo”. Ele vai te dar um projeto que, às vezes, conversando com você, vai ser melhor, muito melhor do que o que você imaginou. Então, em Ouro Preto também tem muito puxadinho para lá, puxadinho para cá que avacalha os negócios. Agora, tem uma coisa. Você sai de Ouro Preto, você viaja, não é? Fica muito tempo em Ouro Preto e aí você sai, fica olhando as outras cidades e fala: “Gente? Cadê a unidade? Que cidades mais desorganizadas! Quanto tijolo de concreto, quanto PVC aparecendo! Que desordem!” E quando a pessoa é rica, como se mistura material! É cerâmica, é pedra, é não sei o quê. Agora tem pedra sintética, não é? [risos] E quer aparecer e faz uns negócios...! Ah! Cada coisa assim... Não tem mais... Por exemplo, em Ouro Preto... Lavras Novas<sup>115</sup> está correndo um sério risco. Já modificou tanto! Em Lavras Novas, as pessoas estão levantando o pé direito da casa. Outro dia eu fui lá – tinha muito tempo que eu não ia – e fiquei horrorizada! Tinha uma casinha... Estava a marca, a marquinha. O telhado era aqui, já levantou o telhado. Estava sem cair ainda. Um meio metro de altura a mais ele pôs na casa. Levantou o pé direito. Você perde aquele sabor daquelas casinhas, daquela população baixinha, com aquelas casinhas miudinhas. Porque você diz... O pobre aqui construía uma coisa saborosa, uma coisa gostosa, uma coisa singela. Hoje, seja pobre, seja rico, [riso] constrói porcaria! Não estou generalizando, mas se você olhar bem as cidades, está nesse nível. Está nesse nível. Uma falta de cuidado também com PVC, com as... “Ah, vai ter segundo andar!” Puxa! Fica um negócio assim, fica uma laje, nunca mais você constrói segundo andar. E os... Como é? Terraços tipo... Por que tem tanto terraço, gente? Ouro Preto é lugar de ter terraço!? Me diz?

**Bernardo Andrade** – Com telha de alumínio, não é?

**Anna Amélia** – Hã?

**Bernardo Andrade** – Com telha de alumínio, não é?

**Anna Amélia** – Telha de alumínio, telha de amianto... Que isso? Certas coisas assim... O que faltou? Talvez uma educação patrimonial desde criancinha,

---

<sup>115</sup> Distrito de Ouro Preto.

pondo na cabeça das crianças o que você deve preservar. O que faltou também – quem sabe? – foi uma força do próprio governo para fornecer portas, janelas, [tudos]<sup>116</sup> adequados, saia-e-camisa<sup>117</sup>, para você comprar ao preço que você compraria o pré-fabricado. Puxa vida, é difícil! Eu sei as reformas que fiz lá em casa: são carérrimas! Fazer a porta saia-e-camisa, fazer o teto, usar pedra ao máximo que você puder... Aí não! A pessoa pega e não vai e compra uma porta barrocosa aí, coloniosa. [riso] Fica muito mais barato do que ele mandar fazer de acordo, não é?

**Jason Santa Rosa** – Tem uma história que você queria que ela contasse.<sup>118</sup>

**Anna Amélia** – É complicado você substituir uma peça, uma peça de madeira.

**Elodia Lebourg** – Anna Amélia, falando justamente da sua casa. Hoje em dia, você exerce uma outra atividade profissional que é ser proprietária de uma pousada. Eu queria que você contasse para gente essa história de como você e o Nello adquiriram essa casa.

**Anna Amélia** – Essa casa foi um namoro de dez anos. Eu namorei essa casa durante dez anos. [riso] Hoje, eu falo com minha filha, porque ela fica... “Ah! Eu não tenho casa, não sei o quê...” Puxa, mas casa não é fácil assim, não! Nem sempre é fácil você ter uma casa própria. Eu fiquei dez anos namorando essa casa. Subia no muro, olhava aquele pátio interno, porque eu me apaixonei pelo pátio interno, não é? Hoje em dia eu penso assim: “Ai, meu Deus! Tem uma ladeira tão forte na frente! Eu podia ter me apaixonado por uma casa sem essa ladeira”. Mas foi a casa pela qual me apaixonei por causa do pátio interno. Então a gente agüenta aquela ladeira. [riso] Eu falo com os hóspedes que a única coisa que eu não posso melhorar é a ladeira em frente da casa. Eu não posso melhorar aquela ladeira, mas lá dentro eu posso melhorar muita coisa.

**Bernardo Andrade** – Mas é só dar a volta, não é?

**Anna Amélia** – Hã?

**Bernardo Andrade** – É só dar a volta, não é?

**Anna Amélia** – Pois é. [risos] Mas é difícil você fugir da ladeira, viu? Ouro Preto é meio difícil você conhecer sem enfrentar ladeira. Agora, como dizem que na Grécia o pessoal vive muito, subindo e descendo morro... Eles fizeram

---

<sup>116</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

<sup>117</sup> Tipo de encaixe de forros, portas, janelas.

<sup>118</sup> Dirige-se à entrevistadora Elodia Lebourg.

uma pesquisa. Disseram que é ótimo para o coração. Eu imagino que seja. Quando me mudei para Ouro Preto, não tinha ônibus verdinho<sup>119</sup> para cima e para baixo, os cabritinhos<sup>120</sup>. Então o povo andava das Cabeças até o Padre Faria<sup>121</sup> a pé! E quantas pessoas idosas bem! Eu ficava olhando assim, caminhando, caminhando... Então faz bem, realmente. Acho que o caminhar, o subir ladeira deve fazer muito bem.

**Jason Santa Rosa** – Qual é o endereço para eu conhecer a pousada?

**Anna Amélia** – Hã?

**Jason Santa Rosa** – Qual é o endereço?

**Anna Amélia** – A pousada é Rua Camilo de Brito, 59. É esquina com Paulista<sup>122</sup>.

**Jason Santa Rosa** – Fica perto de onde?

**Anna Amélia** – É perto da Escola de Minas. É perto da Praça Tiradentes.

**Elodia Lebourg** – Como foi a história de adquirir essa casa? Como o Nello comprou essa casa para a senhora?

**Anna Amélia** – Ah, foi uma história interessante! A casa era de um médico de Ouro Preto, chamado Doutor Percival Tostes Caldeira. Na época, a casa custava 120 mil cruzeiros. Não sei quanto seria agora, em reais. A gente não tinha esse dinheiro. Mas eu queria comprar a casa de todo jeito! Então o Nello conversou, na Caixa Econômica<sup>123</sup>, com a gerente. Ele era uma pessoa que não mexia em banco, não gostava de banco, não gostava de mexer assim, de ficar... Ele passava toda a parte monetária para mim. Tem até um caso muito interessante. Um dia... Minha filha Gabriela tinha uns seis anos e estudava no Grupo Escolar Pedro II. Quando ela voltava, passava pelo Bar do Tofollo para ver se o pai estava lá. Encontrava com a gente ali, eu ia buscar, passava no Bar do Tofollo e depois a gente ia para o Rosário, porque a gente estava morando no Rosário. Nesse dia eu desci com ela, cheguei ao Tofollo, o pai dela não estava. Ela virou assim: “Mãe, onde papai está?” Eu falei assim: “Papai foi ao banco”. “Ah, não foi!” “Como não foi, filha?” “Não, homem não vai ao banco. Mulher é que vai ao banco!” [riso] Eu ri até! Falei: “Olha, Nello. Sua

---

<sup>119</sup> Microônibus da empresa Turim.

<sup>120</sup> Como são popularmente chamados, pelos moradores de Ouro Preto, os microônibus.

<sup>121</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>122</sup> Rua dos Paulistas, no bairro Antônio Dias.

<sup>123</sup> Caixa Econômica Federal, instituição bancária do Governo Federal.

filha falou que homem não vai ao banco, que mulher é que vai ao banco”. [riso] Porque era só eu que mexia com essa parte. Pois ele topou. Ficava horas sentado lá, conversando com a gerente, para poder ver como fazia para comprar essa casa. Então combinaram assim: ele pegou um empréstimo de metade do valor, 60 mil cruzeiros. Aí combinou com Percival assim: “Ô, Percival! Eu te pago 60 mil, que é a metade, e você me passa a escritura da casa. Eu hipoteco a casa por 120. Pago 60 ao banco, os outros 60 para você, e fico devendo só a hipoteca”. Percival aceitou! Aceitou! Ele arranhou os 60 mil, pagou Percival, Percival passou a escritura para ele e ele entrou com um pedido de hipoteca. Conseguiu! E aquela trabalhadeira, aquela papelada que ele arranhou... Quando ele conseguiu resolver tudo, porque dá uma trabalhadeira do cão, não é? Eu falei: “Gente! Como o Nello dá conta?” Ele nunca mexeu com coisa burocrática, não gostava, odiava! Um dia ele chegou, pegou aquela pasta com os papéis todos, pôs na copa e falou assim: “Anna, se eu morrer a casa é sua”. Eu falei: “Como a casa é minha?” “Você não precisa pagar nada”. Eu falei: “Que isso, Nello? A gente está curtindo essa casa, juntos. Agora você está falando isso!” Por incrível que pareça, ele não chegou a morar naquela casa, não é? Ele não chegou a morar lá, não. Ele faleceu quando nós estávamos reformando. Estava sem telhado, nem nada. Ele não chegou a habitar a casa. E a história da casa é interessante para você ver a solidariedade dos artistas mineiros. O Murilo era presidente da FAOP, nós já tínhamos a escola na FAOP, eu era professora lá, o Nello também. O Murilo gostava imensamente do Nello. Era uma admiração mútua, um admirava muito o outro. Parte do trabalho do Nello foi inspirada nos livros do Murilo Rubião: vários quadros sobre os dragões, sobre a casa do girassol vermelho, sobre vários contos do Murilo. E ele dava de presente para o Murilo. Depois, o Murilo deu tudo de volta para Gabriela, que é afilhada dele. O que o Murilo fez? Eu fiquei viúva com cinco filhos – as menores, as gêmeas, tinham dois anos e meio. O Murilo promoveu um leilão de quadros. Os artistas mineiros doaram quadros e ele fez um leilão no Palácio das Artes<sup>124</sup>, além de ter arranjado, com amigos, parte de madeira, parte de eletricidade, de fiação. Porque tudo foi trocado. Aí foi feita a parte básica da casa: telhado, estrutura... O telhado foi

---

<sup>124</sup> Em Belo Horizonte.

todo tirado porque a madeira estava toda ruim. Então foi feito o telhado, foram colocadas janelas, a parte hidráulica, a parte elétrica. Eu me mudei para lá para poder ficar livre do aluguel, não é? Depois, com os anos passando, vendendo quadro do Nello, recebendo fundo de garantia, eu fui melhorando, fui terminando a casa, fui melhorando. Com o passar dos anos, a coisa apertava, vendia um quadro do Nello, continuava a fazer. E hoje a casa ficou muito boa. Mas assim: cada reforma é um empréstimo novo; eu acabo de pagar um empréstimo, faço outro. [riso] Como eu digo, a manutenção... Você manter uma casa em Ouro Preto, uma casa histórica, é muito caro! Então, hoje em dia, eu acho que eu trabalho para pagar banco, para poder ter a minha casa direitinha. Cada empréstimo são cinco anos. [riso] Acaba um e eu começo outro.

**Elodia Lebourg** – Hoje, uma parte da casa é uma pousada.

**Anna Amélia** – Quando meus filhos começaram a sair de casa e ir embora, foi a idéia de fazer a pousada, para poder... A idéia de fazer a pousada... Muita gente sonha em ter uma pousada. Na verdade, é uma coisa muito interessante, porque você acaba conhecendo uma série de pessoas. Muitas ficam até suas amigas e tal. E em Ouro Preto, que recebe muito estrangeiro, é mais rico ainda. Eu acho que a experiência assim... Pessoas de outros povos são interessantes. Mas, enfim, foi feita a pousada porque eu não queria me desfazer da minha casa e, na verdade, eu não teria como sustentá-la, recursos para sustentá-la. A idéia foi do amigo, do Ricardo Pereira, da Pousada do Mondego<sup>125</sup>. Ele falou que, em geral, na Europa, o pessoal gosta muito de pequenas pousadas, que possivelmente eu ia ter muito cliente estrangeiro. E ele acertou: a maior parte dos hóspedes que eu tenho é estrangeira. Os primeiros que vieram já colocaram no guia – um guia tipo Quatro Rodas, que é muito acreditado na Europa. Agora também já foi para o guia dos Estados Unidos. Então sempre tem hóspede estrangeiro. Eles gostam muito mais de ficar em lugar menor, que tenha um clima da cidade, do que ficar em um hotel mesmo. Isso facilitou para mim, porque eu separei metade da casa para a pousada e continuei morando lá. O meu ateliê continuou lá, e ela ficou bonita, ficou mais bonita! [riso] E está dando para continuar curtindo aquela casa que foi uma paixão que eu tive na vida, não é? Eu acho que foi muito interessante e

---

<sup>125</sup> Localizada no centro de Ouro Preto.

devo muito isso à solidariedade dos amigos, dos pintores mineiros, certo? E ao Murilo Rubião, que foi o mentor da idéia e que tocou para frente.

**Elodia Lebourg** – Anna Amélia, e seus filhos? Alguns deles seguiram ou seguem ainda essa atividade profissional relacionada às Artes Plásticas, não é isso?

**Anna Amélia** – É. A primeira filha não continuou com os estudos. Ficou só mesmo criando família e tal, teve quatro filhos. O segundo filho pintava muito, mas depois ele... Até fazer Psicologia...

**Elodia Lebourg** – Que é o Nello.

**Anna Amélia** – É. Depois ele se especializou, fez cursos na FAOP: estudou restauração com o Jair, fez o curso de cor com o Eduardo de Paula<sup>126</sup>. Ele fazia vários cursos na FAOP. Ele pintava muito e tinha uma pintura muito interessante. Depois, quando se interessou pela Psicologia... O Nello, meu segundo filho, era muito parecido com o pai. Tinha muita ligação com a vida, uma pessoa muito carismática. O Nello era muito carismático, de muito humor, muita alegria, muito entusiasmo, certo? Então ele gostava muito de pintar. Teve uma época em que eu e Nello estivemos fazendo uma terapia em Belo Horizonte. Eu chegava muito entusiasmada e começava a contar coisas do grupo para ele, para o Nellinho. Saía com ele para desenhar, ia para os morros desenhar. Enquanto estava desenhando, começava a contar partes das sessões de terapia, que eu fazia em Belo Horizonte com o [Bonine]<sup>127</sup>. Ele ficou muito ligado naquilo, começou a ficar muito interessado por terapia. Mas ele era interessado em tudo, em Biologia, em tudo! Então ficava muito difícil escolher... Hoje já tem gente que fala: “Ah, não sei o que eu vou fazer!”, porque não sabe do que gosta. Ele tinha o problema contrário: ele gostava de tudo! Então, no fim, ele acabou selecionando Psicologia e Belas Artes. Quando ele falou com o meu terapeuta, o terapeuta virou para ele assim: “Ah, arte você pode fazer sem escola, mas Psicologia não!” Então ele resolveu fazer Psicologia. Ele foi aluno do Afrânio Lacerda<sup>128</sup>, aqui na FAOP, música. Quando o Afrânio foi embora, a substituiu dele... O Afrânio recomendou muito o Nello

---

<sup>126</sup> Artista plástico.

<sup>127</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

<sup>128</sup> Maestro.

para a Tereza<sup>129</sup>, que o substituiu aqui. E a Tereza, quando foi embora, recomendou o Nello, o Nellinho. Tanto que ele foi professor do Chiquinho de Assis<sup>130</sup>. O Chiquinho sempre lembra. O Nello realmente tinha muito jeito para a música também. Ele falou que só não ia continuar desenvolvendo música, porque ele achava que música você tem que pegar desde criança, intensivamente. Acontece que, como psicólogo, ele está sendo muito absorvido pelo trabalho e não está tendo tempo para fazer os quadros que ele fazia.

**Elodia Lebourg** – Mas ele dá aula ainda.

**Anna Amélia** – Não está tendo tempo. Agora, pode ser que no futuro, ele realmente volte, porque ele está sempre ligado à arte. Ele desenvolveu o estudo de cores. Dessa última vez que ele veio cá, eu falei: “Nello, olha, estou pintando! Vem ver”. Ele olhou o quadro. Um comentário que ele fez valeu demais! Porque ele tem uma sensibilidade! É igual ao pai dele, nesse ponto. O Nello foi um dos maiores... Foi o maior professor de pintura que eu já vi! Um dos professores que a gente tem mais dificuldade é o de pintura na Belas Artes; quase sempre o mais problemático é o professor de pintura. De desenho, em geral, na Belas Artes tinha grandes professores. De gravura também. Agora, pintura é muito problemático, sempre achei. Tanto é que a UFMG, uma vez, chamou o Nello. O Nello deu um tempo lá, depois não agüentou ficar viajando e largou. A Guignard chamou o Nello. O Nello trabalhou na Guignard no tempo em que o Amílcar<sup>131</sup> era o diretor da Guignard. Teve um caso muito engraçado... Eu não vou citar o nome do professor porque fica chato. Teve uma reunião da congregação em que um professor virou assim: “Ô, Amílcar! Que engraçado, não é? A gente ganha X para dar aula aqui e o Nello Nuno ganha X+Y!” Aí o Amílcar, que era muito despachado, falou assim: “Olha, você enche sala? O Nello enche sala”. Era isso. Enchia mesmo a sala, sabe? E o Nellinho tem muito esse clima do pai, esse humor, essa coisa, e juntou muito com o meu equilíbrio. É muito engraçado: [riso] eu sou balança [riso] e o Nello era leão<sup>132</sup>. Não sei se isso tem interferência...

**Jason Santa Rosa** – Anna Amélia, aproveitando...

**Anna Amélia** – Hã?

---

<sup>129</sup> Tereza Castro. Atualmente, é professora da Faculdade de Música da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>130</sup> Músico e maestro.

<sup>131</sup> Amílcar de Castro, artista plástico, cenógrafo e diagramador.

<sup>132</sup> Signos do zodíaco.

**Jason Santa Rosa** – Eu sei que a entrevista pode estar chegando ao fim. Me conta um pouco sobre aquele roteiro que foi feito pelo Nello, de Ouro Preto. Como é essa história?

**Anna Amélia** – Ah, o Roteiro Etílico! Nello era muito boêmio, não é? Nello era. O Nello fez um desenho a nanquim, que acabou dando para o Murilo Rubião. Era o Roteiro Alcoólico, Histórico e Anônimo de Ouro Preto. Eles chamam de Roteiro Etílico de Ouro Preto. Tinha um Ouro Preto esquematizado como um mapinha antigo – a gente até passa chá preto no fundo do papel canson para dar aquele arzinho antigo – e com todos os bares da época, da nossa casa, no Rosário, até a Praça Tiradentes. Ele escreveu, em torno do mapa, um monte de coisas do Murilo Rubião, os amigos da época, o pessoal dos Fortes<sup>133</sup>, o Alemão<sup>134</sup>, não é? E ficou muito interessante esse... Outro dia eu estava percorrendo o Roteiro Etílico e falei: “Gente! Que engraçado! Já não existe mais nenhum daqueles bares da época!” Eram todos anteriores inclusive ao Calabouço<sup>135</sup>, que foi o negócio que fez mais furor em Ouro Preto, não é?

**Jason Santa Rosa** – Ouro Preto ainda é uma cidade etílica? Ainda é uma cidade boêmia?

**Anna Amélia** – Hã?

**Jason Santa Rosa** – Ouro Preto ainda é uma cidade boêmia?

**Anna Amélia** – Ouro Preto, quando ele fez o Roteiro Etílico, era boteco, não é? Não eram bares. Eram botecos, armazéns – não tinha mercearia –, açougues... Ainda têm uns açougues aí, não é? Era uma coisa assim muito de interior. Não tinha nenhum restaurante super arrumado, feito tem hoje. O primeiro mais assim incrível que apareceu foi o Calabouço, de [Jerry Cooningam]<sup>136</sup>, que fez muito furor em Ouro Preto. Depois teve o Cochicho, na Pousada do Luxor<sup>137</sup>. Mas era tudo assim... Era sinuca, tinha bar com sinuca, sabe? Era tipo boteco mesmo! Não tinha bar arrumadinho, restaurante arrumado, feito tem hoje, não. Era muito curioso e...

**Jason Santa Rosa** – Mas a tradição da bebida continua!

**Anna Amélia** – Hã?

---

<sup>133</sup> Tradicional família ouopretana.

<sup>134</sup> A entrevistada não mencionou o nome.

<sup>135</sup> Bar e restaurante Calabouço, localizado no centro de Ouro Preto.

<sup>136</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>137</sup> Localizada no bairro Antônio Dias.

**Jason Santa Rosa** – A tradição da bebida continua!

**Anna Amélia** – É. O pessoal aqui é bem boêmio. O Nello era bastante! Nossa! Nesse ponto era fogo! Teve um Carnaval que ele falou assim: “Ah, não! Neste Carnaval eu vou ficar o tempo todo só pintando, só pintando. Não vou nem chegar à rua!” A gente morava em frente à Igreja do Rosário<sup>138</sup>, [riso] o ateliê era na sala que dava para a sacada. Quando eu vejo, passa a Bandalheira<sup>139</sup> – foi o primeiro ano da Bandalheira. Nello saiu correndo! Ele estava com aquela roupa de safári. Pegou – como chama? – uma mochila em que eu punha as crianças nas costas, levava as gêmeas nas costas. Pôs um ursinho de pelúcia na mochila, pegou um bauzinho de lata, desses bauzinhos antigos, para bater, e saiu atrás da Bandalheira. Eu falei: “Nossa Senhora! Acabou! Agora é só Carnaval!” Quando chegou à Praça Tiradentes, falaram que o Nello Nuno criou a Bandalheira. O pessoal ficou injuriado! Eu falei: “Gente! Fazer o quê? O jornalista falou, mas não é real! Ele saiu atrás!” Aí foi Carnaval o tempo todo. Ele adorava Carnaval, adorava!

**Jason Santa Rosa** – Você gosta de Carnaval?

**Anna Amélia** – [riso] Quando eu era criança, eu gostava. [riso] Hoje em dia não. Eu gostava porque fantasiava, aquela história toda. [riso] O Nello é que gostava mesmo. Tem uma foto dele com os filhos, em frente ao Tofollo, vestido de baiana, com uma fruteira de Lavras Novas na cabeça, com umas couves. Essa foto dele é muito engraçada!

**Elodia Lebourg** – Anna Amélia, eu quero te fazer uma última pergunta antes de terminar. Quero retomar essa questão dos seus filhos, porque tem ainda a Gabriela, tem a Tatiana, o Bernardo.

**Anna Amélia** – A Tatiana está fazendo pintura também.

**Elodia Lebourg** – Ela expõe também.

**Anna Amélia** – Ela é autodidata... Não, ela fez algum curso na FAOP. Ela fez uns cursos na FAOP com aqueles portugueses que estiveram aí, de serigrafia, e agora ela está pintando. O Bernardo está fazendo artesanato com a mulher dele também. Faz mosaico em vidro.

**Elodia Lebourg** – E a Gabriela?

---

<sup>138</sup> Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Ouro Preto.

<sup>139</sup> Banda que desfila durante os carnavais de Ouro Preto com penicos à cabeça e um rolo de papel higiênico preso à cintura.

**Anna Amélia** – A Gabriela fez Belas Artes, na mesma escola onde fiz, em Belo Horizonte. Ela trabalhou um pouco em Arte Educação aqui, na primeira vez que o Ângelo foi prefeito. Estava desenvolvendo um trabalho no Museu Escola<sup>140</sup> também. Trabalhou ensinando arte na cooperativa de Saramenha<sup>141</sup>. E em várias escolinhas de arte ela chegou a trabalhar, até que começou a dar aula de desenho na Fundação de Arte de Ouro Preto. Hoje, ela coordena a parte de Artes Plásticas na Escola de Arte da Fundação de Arte. Outra coisa em que ela se especializou, que eu acho muito interessante, foi tapete de serragem, essa tradição que tem em Ouro Preto. A FAOP, quando chegou aqui, resolveu incentivar, porque estava se perdendo. Então, começou a trabalhar no sentido de que, na procissão da Ressurreição<sup>142</sup>, fosse sempre feito o tapete de serragem. A FAOP se envolveu muito nesse trabalho. Os primeiros anos... Inclusive teve ano em que a gente saiu tampando todos os buracos... Todas as falhas que tinham a FAOP fazia. E a Gabriela... Quando cheguei para fazer esses tapetes, eu levei muito baile<sup>143</sup> no princípio. Depois, fui aprendendo com o pessoal da terra. Essa tecnologia eu passei para os meus filhos, porque ajudavam a fazer, a gente passava a noite fazendo. Ultimamente, a Gabriela ainda aperfeiçoou mais. Hoje ela é capaz de fazer usando *Corel Draw*, o computador, essa coisa toda. Ela é capaz de fazer tapetes imensos, porque ela faz como um quebra-cabeça. Aí põe no data-show, projeta e vai fazendo os quadradinhos. Depois arma o quebra-cabeça no local e faz. Agora, foi uma loucura a primeira vez que ela fez um grande tapete! Foi na época em que ela fazia Belas Artes; ela fez ali ao lado da antiga Escola de Engenharia de Belo Horizonte, naquela avenida ao lado da Estação<sup>144</sup>. Ela fez uma rua inteira de tapete, na época da Belas Artes. E agora ela realmente tem uma equipe aqui, trabalhando com ela, que de repente é chamada, não é? Ela chegou a ir para Portugal, fazer em Lisboa [riso] um tapete de serragem. Agora eles estão indo para Brasília para fazer, no Banco do Brasil<sup>145</sup>, aquela que foi feita no Rio de Janeiro. Por esse eu estou meio temerosa, porque vai viajar o dia inteiro, vai

---

<sup>140</sup> Setor pedagógico do Museu da Inconfidência, em que Gabriela Rangel ministrou uma oficina de Criação junto com Ângela Xavier e Simone Silvestre.

<sup>141</sup> Cooperativa de Ensino de Ouro Preto.

<sup>142</sup> Evento da Semana Santa, quando Ouro Preto costuma ser enfeitada com tapetes feitos de serragem para a passagem da procissão.

<sup>143</sup> “Levar muito baile” é uma expressão que denota a dificuldade em realizar determinada atividade.

<sup>144</sup> Estação Ferroviária de Belo Horizonte.

<sup>145</sup> Instituição bancária do Governo Federal.

chegar lá, trabalhar o dia inteiro e voltar no dia seguinte. É muito longe Brasília, não é? Mas é uma tecnologia assim...

**Jason Santa Rosa** – Uma última pergunta, retomando a questão do passeio de trem que a senhora me falou, porque a gente está nesta Estação...

**Anna Amélia** – Como?

**Jason Santa Rosa** – Essa memória do trem, aqui.

**Anna Amélia** – O trem, o trem. Essa questão do trem de ferro... A gente falava trem de ferro, não é? A gente não falava Maria Fumaça<sup>146</sup>. Para mim, são recordações muito fortes, porque a gente só viajava de trem quando era criança. O meu avô se formou aqui, na Escola de Minas. Era engenheiro civil, mexeu sempre com estrada de ferro. Ele mexeu muito tempo na Rede Mineira de Viação, depois passou a dirigir a Central do Brasil. Então, a família adorava trem, não é? Eu lembro que minha mãe gostava sempre de viajar nas férias. Eu acho que isso não devia ser muito comum naquela época, porque a família ficava gozando muito minha mãe com isso: “Ah! Lá vai o bando da Lua!” Porque mamãe, quando não tinha dinheiro, vendia o que fosse. Uma vez ela vendeu um piano, outra vez ela vendeu um livro dos **Lusíadas**<sup>147</sup>, [riso] para poder fazer a viagem. Na verdade, depois que a gente saiu de Nova Lima... Quando a gente morava em Nova Lima, meu pai era engenheiro lá, diretor da Mina, essa história toda. Tinha dinheiro, recebia em libra, essa coisa toda. Quando separou, já ficou difícil, não é? A gente foi para Belo Horizonte, mamãe não tinha uma profissão e ficou mais difícil. Mas ela tinha que viajar! A gente ia de trem para o Rio de Janeiro, primeiro naquele trem leito todo de madeira, que rangia, rangia... Às vezes, a gente enjoava horrores! Depois, no Vera Cruz<sup>148</sup>. Então, a parte de trem é muito apaixonante! Interessante que eu estou com o meu último neto, o último filho da Tatiana, que tem uma paixão por trem! Eu falei: “Gente! Vai ver que o avô reencarnou aí, não é possível!” O menino é louquíssimo com trem! Tudo quanto é brinquedo que você tem que dar para ele é trem. Outro dia, eu brinquei com ela: “Ah! Esse menino aí... Eu acho que vovô Caetano – meu avô chamava-se Caetano Bressani Lopes – encarnou

---

<sup>146</sup> Apelido de locomotiva movida a vapor.

<sup>147</sup> **Os Lusíadas**, de Luís Vaz de Camões.

<sup>148</sup> Trem de luxo operado pela Estrada de Ferro Central do Brasil e pela Rede Ferroviária Federal S/A.

nele”. Eu lembro que meu avô, nos últimos anos, estava muito triste, porque ele achou que estavam abandonando as estradas de ferro. Ele levou essa mágoa.

**Jason Santa Rosa** – O que a senhora achou de estar participando do projeto.

**Elodia Lebourg** – É, nossa última pergunta. Nosso tempo vai acabar em 15 segundos e a gente queria saber o que a senhora achou de ter participado do Vale Registrar?

**Anna Amélia** – Eu achei muito bom... Essa oportunidade também de contar sobre a Belas Artes da UFMG – o início dela – e da FAOP, da Escola de Arte da FAOP. Porque essas coisas todas não estão registradas, estão na minha cabeça. [riso] Mari’Stella já morreu, sobre a Belas Artes de Belo Horizonte, a Teresa Apocalypse já faleceu, o Álvaro faleceu. Outro dia, a Madu falava comigo assim: “Nossa, Anna! A turma lá em cima está crescendo!” Murilo Rubião já faleceu. Então, olha, a memória está... E essa oportunidade que a Vale está dando, de ter me chamado aqui, eu achei muito boa para ter colocado. Às vezes, as pessoas me perguntam: “Ô, Anna! Você não vai escrever? Você não vai registrar?” Eu falei: “Eu até que comecei, mas não está dando tempo mais. Não está dando tempo para ficar escrevendo!” “Ah, grava!” Agora vocês estão gravando. [risos] Então, eu acho ótimo! Quero agradecer muito à Vale essa oportunidade, principalmente por guardar essa memória.

**Jason Santa Rosa** – Nós é que agradecemos.

**Elodia Lebourg** – Obrigada, Anna Amélia.

**Bernardo Andrade** – Obrigado.

**[Término da entrevista]**